

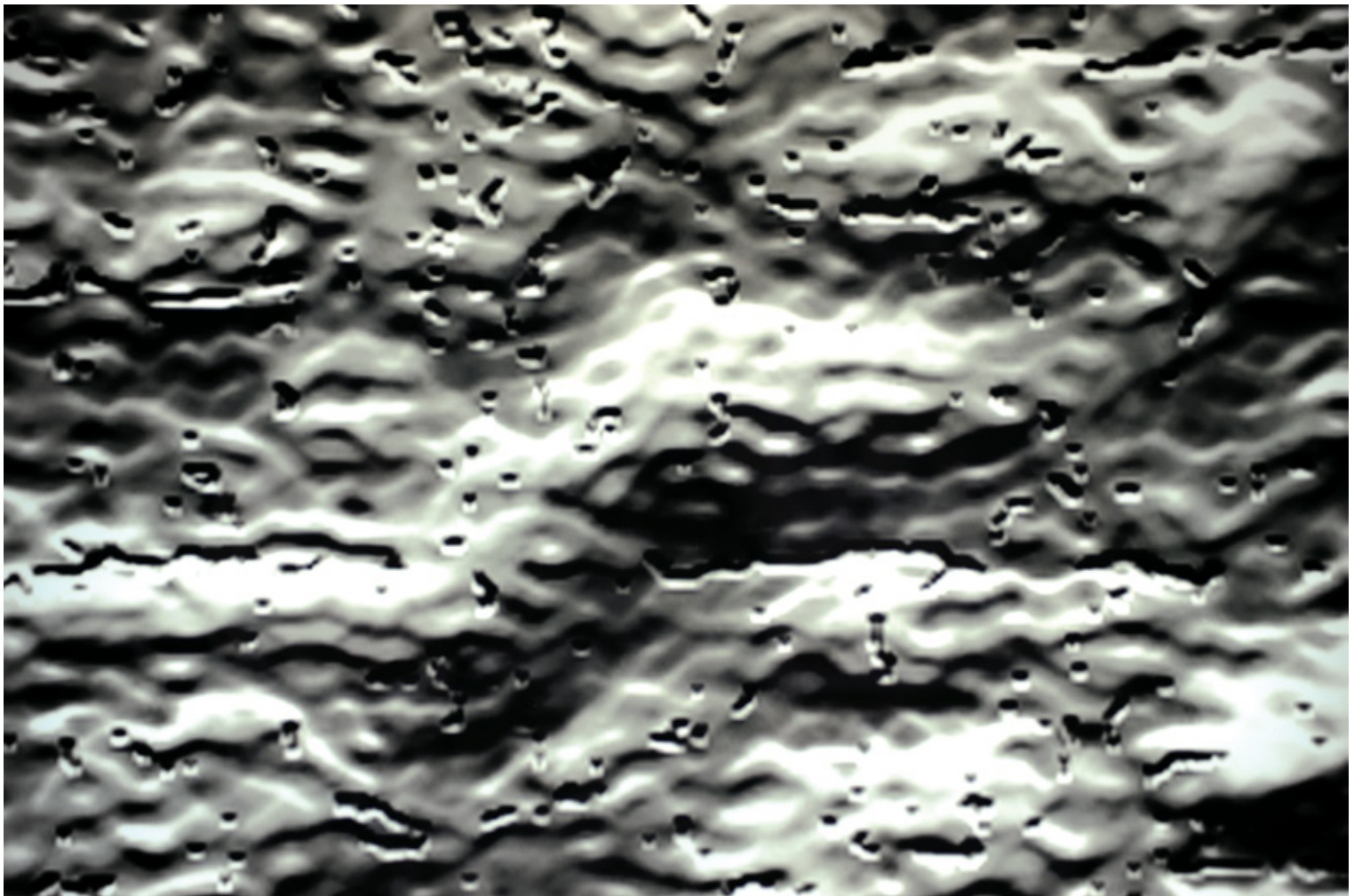
Revista da
Reitoria
da Universidade
de Coimbra

Número 26
Trimestral
Outubro
2009

www.uc.pt/rualarga
rualarga@ci.uc.pt



RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra
DIRECTOR Fernando Seabra Santos
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha
EDITORA Martha Mendes
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito
[GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade]
PRODUÇÃO Isabel Terra, Lígia Ferreira e Luísa Lopes
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira
EDIÇÃO GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.
TIRAGEM 3.200 ex.
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS
CAPA Museu da Ciência, "O Laboratório Invisível", *Referenceless*, Herwig Turk e Paulo Pereira, 1998-2003
www.uc.pt/rua/larga
Tel. 239 859 823
PONTOS DE VENDA
Quarteto, XM, Livraria/Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • Fernando Seabra Santos • 4

REITORIA EM MOVIMENTO

Universidade de Verão • Cristina Robalo Cordeiro • 8
Colóquios de Outono 2009 • José António Bandeirinha • 10

OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

A Verdade dos Entrevistados • João Figueira • 12
iParque • J. Norberto Pires • 14

IMPRESSÕES

Da série da vida de Tobias • António Filipe Pimentel • 17
The invisible laboratory • Luísa Lopes • 19

BREVES

Aluna da FLUC vence concurso nacional de Língua Chinesa • 22
UC abriu aulas com Companhia Nacional de Bailado • 22
CAV apresentou obras de Carrilho da Graça • 22

RIBALTA

Imprensa da Universidade de Coimbra • João Gouveia Monteiro • 24
UPRA de Lubango • Maria Helena Henriques • 28
Geração Black Cube • António Barros • 30

CIÊNCIA REFLECTIDA

Moinhos de vento do futuro • C. Rebelo e L. Simões da Silva • 35
Eco veículo: 2307 Km com um litro de gasolina • Pedro de Figueiredo Vieira Carvalheira • 39
Porque os detalhes também importam • Mário Silveirinha • 42

AO LARGO

ENTREVISTA

Maria Irene Ramalho • Martha Mendes • 45

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Filipa Pato • Andreia Silva • 54

CRIAÇÃO LITERÁRIA

No princípio eram as velhas e os gatos • Nuno Nóvoa • 56

LUGAR DOS LIVROS

ESPAÇO DAS ESCOLAS

A recuperação do Colégio da Trindade • João Mendes Ribeiro • 61

TEMAS

A UNIVERSIDADE NO VERÃO

Turistas da História, do saber e do sol • Ana França • 67
A academia prossegue dentro de momentos • François Fernandes • 69
O americano que descobriu Portugal nas pessoas • João Ribeiro • 70
Uma ponte para o mundo universitário • Andreia Silva • 72

Quarenta anos depois

Fernando Seabra Santos *

No início de mais um ano lectivo, dirijo-me aos novos estudantes da Universidade de Coimbra, que agora passam a fazer parte da nossa comunidade universitária. À Laura e ao António, à Sara e ao Manuel, à Ana, ao João e a todos os outros. Não sei ainda, ninguém sabe, qual de vós vai ser o Antero, o Eça, o Garrett, o Camões, da vossa geração. Pela nossa parte, tudo faremos para vos dar uma formação de primeira qualidade e uma preparação humana, cultural, técnica e científica que esteja à altura destes vossos dignos predecessores. Tudo faremos para vos ajudar a concretizar os vossos sonhos.

Quarenta anos depois, vale a pena recordar-vos que um dia sonhámos os dias actuais e que amanhã os dias são sonhos de agora. Mas se um dia, perdidos, deixarmos cair as asas do sonho que transpõem metas, se um dia, vencidos, nos dermos tristonhos à simples rotina do passar dos dias, então, sonhando o futuro no dia que passa, não passa o futuro do dia do sonho.

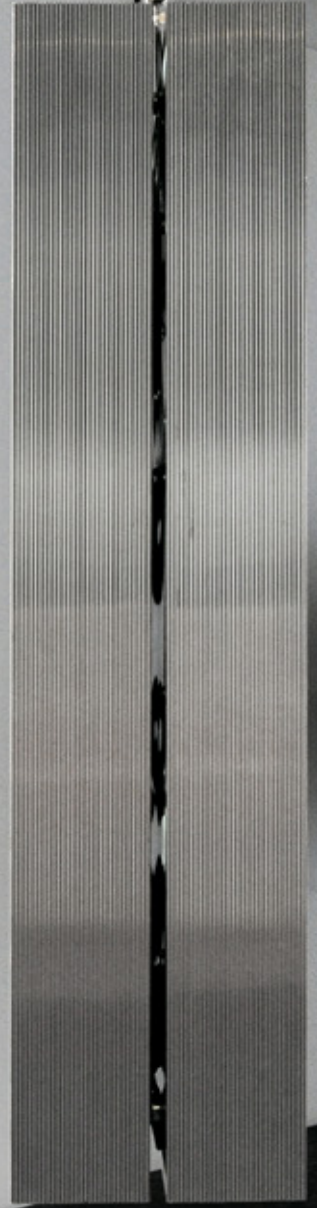
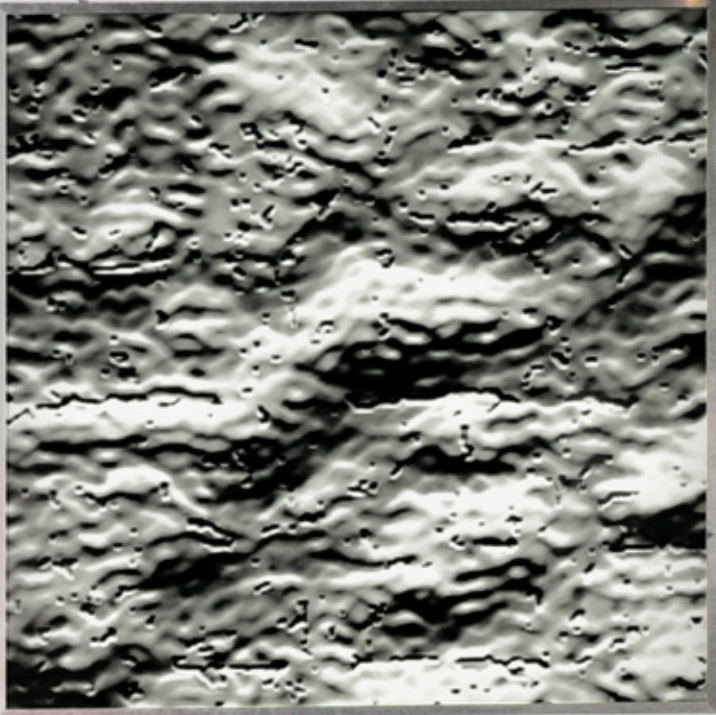
Não tenham, pois, receio de sonhar. Tal como há quarenta anos, sejam razoáveis: exijam o impossível. Entreguem-se à paixão e ao absoluto. Não neguem à razão o gesto certo. Nunca subam uma escada senão até ao topo. Recusem o talvez, o assim-assim. Firam as guerras sempre em campo aberto, onde o detalhe pode não ser nada, mas não há nada que não seja tudo. A Universidade de Coimbra assim vos procura e só assim se encontra nos sonhos de futuro que um dia, há quarenta anos, os seus estudantes andaram semeando pelo mundo, na forma de um balão e nas pétalas da flor.

Sejam bem-vindos à Universidade de Coimbra. Que o ano que agora se inicia desta nova fase das vossas vidas, pela qual lutaram e tão dignamente mereceram, corresponda às vossas expectativas e às vossas ilusões.

Paço das Escolas, 16 de Setembro de 2009

** Reitor da Universidade de Coimbra*

Reitoria em Movimento



Sob o signo da *Estrela Misteriosa*

Universidade de Verão

Cristina Robalo Cordeiro *

O brilhante sucesso da Universidade de Verão, organizada no mês de Julho pela Reitoria para dar a conhecer a Universidade de Coimbra a alunos do ensino secundário vindos de todo o país, pode ser dedicado, como um justo tributo, à fabulosa figura do Professor Pedro João dos Santos. Com efeito, foi com espírito de aventura e de descoberta que se desenrolou este estágio de uma semana durante o qual, fraternalmente escoltados por uma dezena de entusiastas estudantes da UC e por um punhado de funcionárias zelosas, 160 adolescentes foram iniciados na vida universitária sob o olhar atento de professores, convencidos e convincentes, de cada uma das nossas faculdades. E por que não há-de ser a fisionomia do Doutor Pedro João dos Santos a servir de emblema ou de logótipo aos nossos futuros cursos da Universidade de Verão?

Neste ano da astronomia, onde se comemora o óculo de longo alcance que permitiu a Galileu a observação científica dos astros, poucos de nós, no entanto, se lembraram do nosso notável colega apresentado por Hergé como “o célebre físico da Universidade de Coimbra”. Chegou o momento de lhe render a homenagem póstuma que lhe devemos. Perante o esquecimento – local – de que é vítima, é sem dúvida necessário recordar que foi, pouco tempo depois da Segunda Guerra Mundial, um dos cinco sábios europeus a acompanhar o professor Calis, no navio Aurora, em expedição polar destinada a verificar a existência de um metal desconhecido, o calisténio. De facto, é quase escandaloso que nada saibamos do seu *curriculum vitae* e menos ainda da sua vida

privada. Se é lícito supor que trabalhou no antigo edifício do Observatório quando este ocupava ainda uma parte do Pateo da Universidade, exactamente no local onde, no passado dia 21 de Julho, foi ministrada, por um professor do Departamento de Física, uma memorável aula de astronomia que encantou os alunos da nossa Universidade de Verão, mais duvidoso é arriscarmo-nos a uma qualquer hipótese sobre os acontecimentos da sua vida... Alguns espíritos audaciosos sugerem (mas sem a mínima prova material) que ele teria ocupado, desde os seus anos de estudante, um modesto apartamento no terceiro andar da rua da Matemática. Um precoce desgosto de amor (com uma Tricana em tudo semelhante àquela cuja estátua se encontra hoje nas escadarias do quebra-costas) teria votado a um celibato arisco este investigador a quem a ciência física preenchia o coração tanto quanto o espírito...

O seu modo de vida, tão regular como o mecanismo de um pêndulo, a sua vontade inabalável de permanecer desconhecido, o seu pudor em confiar ao papel impresso – e logo ao público – o resultado das suas investigações, o convívio de alguns raros amigos (desde há muito desaparecidos), são circunstâncias e particularidades (tão características, é preciso dizê-lo, do antigo *lente* de Coimbra representado pela lenda) que não impediram a sua fama de se estabelecer solidamente nos muito restritos círculos da física de ponta e, em particular, naquele de que o Professor Calis era o grande dinamizador.

Será legítimo que imaginemos que descendia de marranos espanhóis que vieram instalar-se na judiaria



de Coimbra no início do século XV e que o seu gosto pelo panteísmo de Espinosa lhe viria desta comum ascendência?

É absolutamente inútil especularmos sobre a vida cheia de enigmas deste herói cujo episódio indubitável consiste apenas em ter feito parte da tripulação do navio Aurora. A única iconografia que nos permite representar os traços de Pedro João dos Santos encontra-se na banda desenhada do álbum *A Estrela Misteriosa*. Uma calvície precoce atacando no cimo de um enorme crânio uma cabeleira negra e frisada, uns bigodes caídos, um longo nariz aquilino e uns olhos pequenos e perscrutadores, uns minúsculos óculos redondos, um resto de juventude num rosto sem rugas, compõem uma fisionomia de investigador onde se conjugam a inteligência e a bonomia. Teria Hergé conhecido pessoalmente o nosso distinto colega ou quis apenas deixar-nos uma espécie de desenho-robot do professor típico de Coimbra, pelo menos tal como ele o concebia? O que é certo é que quis dar-lhe um lugar de honra, colocando-o sempre à direita de Tintin, quer na galeria de retratos quer na partilha das refeições. E é curioso verificar que, se exceptuarmos Paul Cantonneau, de Fribourg, os três outros investigadores convidados pelo Professor Calis pertencem a universidades hoje membros do Grupo de Coimbra. Notemos também *en passant* que a bandeira verde

plantada por Tintin no fragmento de astro contém as letras F.E.P.C. (Fundo Europeu de Pesquisa Científica...), o que prova, uma vez mais, a visão antecipadora de Hergé.

Colocando doravante a Universidade de Verão sob a invocação do Professor Pedro João dos Santos, companheiro de Tintin e do Capitão Haddock, acreditamos não apenas reparar uma espécie de injustiça mas também explorar um potencial simbólico e semiótico negligenciado. Os Álbuns Tintin são mais do que obras-primas de literatura juvenil. Fazem parte integrante da nossa cultura contemporânea (e o próximo filme de Spielberg vai demonstrá-lo). Que um professor da Universidade de Coimbra (fictício, é certo) se tenha tornado uma personagem desta mitologia moderna não deve apenas fazer-nos sorrir, pois é também pela fantasia e pela imaginação que podemos incitar os jovens do ensino secundário a tornarem-se estudantes das nossas faculdades. Se nos podemos orgulhar, com razão, de uma figura tutelar como Pedro Nunes, não é menos legítimo e sensato que nos reclamemos do fictício mas não menos prestigiado Professor Pedro João dos Santos.

Agosto de 2009

* Vice-Reitora da Universidade de Coimbra

Colóquios de Outono 2009

José António Bandeirinha *

Existe, na Universidade, um atributo que todos reconhecemos porque diz respeito ao modo como nós, universitários, nos movemos no âmbito disciplinar. É esse atributo que garante a independência do saber, é ele que faz com que o conhecimento desenvolvido no seio das universidades o seja em função da evolução e da ampliação desse mesmo conhecimento e não em função de uma carteira de encomendas externa. Por mais bem intencionada que essa carteira possa ser, e ao contrário do que, à primeira vista, parece, não é ela, mas sim a independência e a autonomia que conferem valor de uso, genérico e específico, ao conhecimento desenvolvido na Universidade. Para a sociedade civil mais vasta, na qual as universidades se inserem, é incomparavelmente mais útil poder contar com uma reserva de saber, num patamar autónomo, que lhe permita perspectivar estratégias e avaliar procedimentos, do que contar com um serviço que lhe é inerente, cuja tendência será, na melhor das hipóteses, a de resposta, eficaz e imediata, aos problemas que vão surgindo.

A esse atributo, à falta de melhor designação, habituámo-nos a chamar autonomia universitária.

A evidente necessidade de fixar e de regulamentar a autonomia universitária não pode sobrepor-se à sua condição estatutária mais lata, indissolivelmente ligada à matriz ontológica da própria Universidade. Não sei bem explicar porquê, mas, quando se intensificam acções legislativas e reguladoras em torno de um determinado tema, sente-se que algo não vai bem na relação que com ele estabelecemos, enquanto corpo social.

Todos acreditamos que foi na estrita observância dessa autonomia que a Universidade, enquanto tal, decidiu reequilibrar-se externamente e reorganizar-se internamente. A chamada reorganização dos saberes corres-

ponde, por um lado, à criação de mecanismos pedagógico-administrativos que permitam maior agilidade interdisciplinar, mas, por outro lado, corresponde ao endurecimento de hegemonias que, se não estivermos atentos, correm o risco de voltar a gerar opacidades na desejável transparência científica entre áreas do saber.

Os Colóquios de Outono 2009, organizados pela Reitoria da Universidade de Coimbra, propõem-se reflectir sobre o universo de relações que duas dessas áreas – a arquitectura e a antropologia social e cultural – têm estabelecido ao longo de uma história comum, plena de incursões e de estímulos epistemológicos recíprocos.

James Holston, da Universidade da Califórnia-Berkeley, Georges Teyssot, da Universidade Laval-Quebec, Sergio Fernandez, da Universidade do Porto, e João Leal, da Universidade Nova de Lisboa, serão os convidados dos Colóquios que, como já vem sendo habitual, serão recebidos e apresentados pelos professores Nuno Porto, Sandra Xavier, Luís Quintais e Paulo Providência, da Universidade de Coimbra. Trata-se então de questionar as mútuas interpenetrações entre a arquitectura e a antropologia, de perceber se a essas incursões recíprocas correspondeu o esbatimento das fronteiras disciplinares, ou, pelo contrário, o seu reforço.

No seio da Universidade de Coimbra, estas duas disciplinas são representadas por duas escolas cujo prestígio científico e académico tem sido amplamente reconhecido no exterior. Delas, e dos seus renovados enquadramentos institucionais, se espera que possam vir a ter uma representatividade interna consentânea com esse capital de reconhecimento.

* Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra



OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

IMPRESSÕES

BREVES

RIBALTA

CIÊNCIA REFLECTIDA

A verdade dos entrevistados

João Figueira *

Recapitulando: “O que nos salvou foi a Guerra do Golfo – uma experiência muito importante para nós. Não havia ainda as televisões privadas, portanto podíamos fazer um folhetim dos acontecimentos. Como se lembrará aquilo levou muito tempo até os americanos chegarem lá...”. Vicente Jorge Silva, fundador e primeiro director do Público, recorda a importância daquele conflito na afirmação inicial do jornal que veio mudar o panorama da imprensa portuguesa, a partir do início dos anos 90 do século passado. A sua influência e importância era de tal modo presente – e recuada – que “o primeiro número do jornal é impresso em duas gráficas diferentes, sem que qualquer uma delas o soubesse, a fim de evitar tentativas de sabotagem”, lembra Henrique Cayatte, o designer que concebeu e dirigiu a imagem do Público em permanência durante o primeiro ano. Portugal era, então, um naco europeu de estabilidade política assente na maioria absoluta de Cavaco Silva, onde desaguavam diariamente milhões em fundos comunitários, posteriormente transformados em alcatrão, projectos municipais e cursos de formação. Contrariando o remanso da tranquila acção governativa, emergem no País alguns projectos jornalísticos que vão abalar as fundações antigas em que assentavam os pressupostos da prática da informação noticiosa.

As conferências de imprensa deixam de ser meras liturgias dos oficiantes do Poder, as notícias deixam de ficar guardadas até sábado para deleite do Expresso, os deputados e ministros passam a ser questionados com frontalidade e sem meias-palavras, o Governo descobre, enfim, que a principal opo-

sição e maior dor de cabeça não estava em S. Bento, mas nas bancas de jornais e nas ondas hertzianas. Da comunicação social estatizada, fruto das nacionalizações de Março de 1975 – o que permitiu o florescimento e afirmação dos semanários (O Jornal, Expresso e Tempo) – o país assiste na transição dos anos 80 para os 90 ao nascimento de importantes projectos editoriais, dos quais três deles ainda hoje se mantêm: TSF, Público e SIC. O Europeu e o Independente, cada qual à sua maneira mas de forma muito desigual, desempenharam igualmente papéis de relevo. Como antes – e também com grandeza de importância diversa – os semanários O Jornal e até o Tal & Qual (num dado período da sua existência) assumiram um protagonismo e êxito editorial assinaláveis.

À frente desses projectos estiveram nomes que mudaram a forma de fazer o jornalismo em Portugal: Emídio Rangel, Joaquim Letria, Vicente Jorge Silva. A eles juntam-se outros cuja acção e actuação influenciaram, igualmente, o exercício da profissão e o modo como ela passou a ser vista: Francisco Sena Santos, Henrique Cayatte, Maria Elisa.

Recapitulando: “Na altura os governos sucediam-se a uma média de um por cada seis meses. De seis em seis meses mudava o Governo e eu regressava ou ia para a prateleira. Era um período inacreditável. (...) Eles achavam-se os donos da RDP e da RTP. Aquela conversa do telefone que toca no gabinete do director não é uma anedota, é verdade. O homem que comandava a comunicação social quando queria uma entrevista dizia: Olha lá, vai aí hoje não sei quem para ser entrevistado. A que horas é que pode?”. Sentado e sorridente, numa

das salas do 13º andar do seu escritório, em Lisboa, Emídio Rangel recorda aqueles remotos dias na RDP, quando na sua cabeça já germinava a criação de uma rádio-pirata, desde sempre orgulhosa das três letras que a celebrizaram: TSF.

Se não tivesse arriscado as emissões pirata, fruto de uma informação dada a Emídio Rangel por uma fonte ainda hoje mantida em segredo, a TSF provavelmente teria sucumbido à nascença. A primeira emissão durou apenas quatro horas, foi gravada e emitida a partir de dois locais distintos para iludir as autoridades que, mesmo assim, detectaram e empastelaram um dos emissores. Mas a TSF era, a partir de então, um projecto irreversível.

Recapitulando: “Quando o Doutor Oliveira Salazar foi internado na Cruz Vermelha nós tínhamos duas enfermeiras, digamos, avençadas pela agência [Associated Press] e ainda duas telefonistas para que fôssemos os primeiros a saber que Sua Excelência tinha falecido”. Criador de *A Mosca*, famoso suplemento satírico do *Diário de Lisboa*, fundador e primeiro director de *O Jornal* – e outros títulos como o *Sete*, e *Tal & Qual* – e autor dos primeiros talk-shows portugueses na RTP, Joaquim Letria fala de tudo como sempre o fez: sem escolher as palavras nem esconder os nomes a quem dirige os seus recados. Um a um, todos estes seis nomes de que aqui vos falo acederam a contar ao longo de horas, sem pressas nem olhares furtivos para o relógio, as suas experiências como jornalistas, cujo exercício e acção nos devolve e mostra os múltiplos contextos e diversificadas circunstâncias em que a profissão foi exercida e eles a transformaram.

O resultado dessas longas conversas feitas entre Fevereiro e Maio deste ano vai dar origem a um livro a editar ainda este mês ou para o próximo. O objectivo é fixar o pensamento e acção destas figuras incontornáveis da história recente do jornalismo português, relacionando-as com as transformações que protagonizaram, independentemente dos erros ou excessos praticados e que hoje são assumidos com a serenidade de uma consciência tranquila face à obra feita.

Do 25 de Abril à actualidade, passando pelos tempos do PREC e da AD, cada voz é um testemunho impressionante, feito a partir de dentro, das entranhas do jornalismo e dos contornos da sua mudança. Comigo colaborou o jornalista da Antena 1, Ricardo Alexandre, que entre 20 e 25 de Abril deste ano emitiu um compacto das entrevistas realizadas até àquela data e cujo apoio é da maior justiça enaltecer. Um e outro tivemos o privilégio de escutar em primeira mão estórias que só agora vão ver a luz do dia, sem a preocupação de julgar ou acusar. Foram feitas todas as perguntas julgadas necessárias sem o tom dos interrogatórios a que, hoje, por vezes, assistimos. Uma entrevista é um jogo de palavras. É a busca da verdade do entrevistado.

Recapitulando: “Você acredita que a redacção do Expresso eram nove pessoas, incluindo o Balsemão e o Marcelo? Éramos nove”, conta Vicente Jorge Silva, com ar admirado e a suspender a frase para prolongar o efeito: “Éramos nove!”

* Assistente convidado na Licenciatura em Jornalismo.

O trabalho aqui referido foi realizado na qualidade de investigador do CEIS 20

iParque

J. Norberto Pires *

A economia do século XXI passa muito pelo progresso das cidades. Essas constituem pólos de desenvolvimento que tendem a constituir zonas metropolitanas alargadas, incluindo vários concelhos, com serviços organizados e complementares, condições de vida atractivas e elementos diferenciadores que constituem mais-valias para a vida das pessoas e das empresas. É importante que as cidades percebam que têm de se organizar para fomentar nas pessoas a ideia simples: tenho de estar aqui porque viver aqui é excitante. Coimbra tem condições para isso. Para constituir uma área metropolitana de considerável dimensão, tendo como lema a MARCA que a diferencia: a criatividade e a capacidade empreendedora.

Mas isso significa actuar em várias frentes.

Na frente política é importante que os vários partidos percebam que há projectos que são estratégicos, com dimensão superior às questões locais de curto prazo, e em relação aos quais todos nos devemos colocar de acordo para que estas iniciativas prossigam de forma célere sem sofrerem revezes desnecessários.

Na frente educativa é fundamental colocar o foco em iniciativas para crianças e adolescentes. É preciso que eles percebam que o seu futuro depende da qualidade da educação que tiveram, mas também, em grande medida, da sua atitude perante a vida. Será esse binómio que lhes permitirá aproveitar as oportunidades que a vida lhes proporcionará, mas também criar as suas próprias oportunidades, seja por conta própria ou por conta de outrem. Os cursos de empreendedorismo, o contacto com empresas

inovadoras e a relação das escolas com a Universidade e centros de saber, são ainda mais críticos nestas faixas etárias.

Na frente cultural há muito a fazer. Foram criados espaços interessantes e é preciso tirar partido deles. Em Coimbra tem de existir um fervilhante ambiente cultural. Coimbra tem de ser um dos locais onde as coisas acontecem. Isso é decisivo e crucial. Não perceber isso é verdadeiramente não entender como se organiza o mundo do século XXI. A cultura (e as suas manifestações) é um elemento diferenciador que fixa empreendedores e atrai artistas, cientistas, engenheiros, estudantes, professores, aqueles que fazem a diferença nos vários ramos de actividade. Ao empreenderem geram actividade económica e criam valor. E o seu exemplo é notado, pelo que a cidade se torna mais atractiva num efeito de bola de neve, lento, mas sustentável.

Lembro-me dos livros. Por que não uma grande casa do livro? De dimensão internacional, que possa ser um local onde se guarda e encontra o livro, onde se faz história, onde se faz pesquisa, onde se conhecem os escritores, onde se lançam novos livros mas também se revisitam livros já esquecidos trazendo-os de novo à consciência das pessoas, onde se lê e se cultiva o gosto pela leitura, onde está o passado, o presente e, principalmente, o futuro. Um local onde se mostra que os livros têm uma vida própria – que pode fazer parte também da nossa vida – que deve ser respeitada e protegida. Um local onde se fomentará de novo uma

grande feira do livro, temática, porventura, que permita colocar Coimbra no roteiro das grandes feiras do livro e da leitura.

Lembro-me também do teatro e da música. Porque não um festival de teatro que possa trazer para a rua e para as salas de teatro peças de autores clássicos, mas também textos contemporâneos de qualidade? Pequenos excertos que surpreendam as pessoas na rua no seu dia-a-dia e as chamem para as peças completas na sala de teatro. Aqui poderia ser explorado o património histórico da cidade, usando pequenos excertos da nossa História que pudessem ser representados na rua alertando assim as pessoas para o teatro e para a mais-valia que este constitui. Porque

não um festival anual de música de rua? Um evento onde se juntassem várias manifestações musicais desde a música popular e tradicional, ao fado, música ligeira, jazz até à música sinfónica e de câmara.

Lembro-me da pintura, escultura, fotografia e das manifestações amadoras destas artes, que animem a cidade e a façam fervilhar de actividade. As ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, que ligam a Praça do Município à Portagem, podiam bem ser *las ramblas* de Coimbra. Toda a baixa da cidade tem condições únicas para manifestações culturais de rua que teriam ainda a capacidade de revitalizar o pequeno comércio, para que este se diferencie e especialize.

Na frente empresarial é fundamental o foco no

Foto © Pedro Cunha, 2009



conhecimento. Já o estamos a fazer: A Universidade percebeu que tem de se ligar às empresas, de lhes prestar serviços, de fazer transferência de tecnologia e de colocar o conhecimento ao serviço da actividade económica. Isso faz-se incentivando a incubação de empresas e ideias, para que se desenvolvam empresas competitivas baseadas em novas ideias e novos conceitos de negócio. Estamos a fazer isso bem com o Instituto Pedro Nunes e outras incubadoras da região. É preciso reforçar de forma sustentável essa vertente. Devemos prestar atenção à fase de aceleração de empresas, criando condições para que as empresas incubadas cresçam rapidamente e produzam efeitos significativos na economia.

É preciso também fazer crescer de forma decisiva o Parque de Ciência e Tecnologia de Coimbra (**iParque**). Esse é o local onde se materializa grande parte desta estratégia empresarial, oferecendo espaço para empresas com dimensão que possam a partir de Coimbra criar produtos competitivos, necessariamente baseados em conhecimento, gerando valor e actividade económica. A estratégia definida tem essencialmente quatro objectivos:

1. Fixar as empresas de Coimbra fruto da nossa actividade criativa e empreendedora, proporcionando-lhes o ambiente e as condições para que se desenvolvam e façam “escola”;
2. Promover a aceleração de empresas já incubadas, ajudando a que cresçam junto de empresas grandes criando rede com elas e aproveitando as sinergias;
3. Promover o I&D em consórcio, isto é, uma ligação eficaz entre as empresas e os centros de conhecimento;
4. Atrair investimento de fora da região que reconheça as nossas capacidades, e que justamente coloque o foco nas mais-valias que somos capazes de gerar: forte aposta em conhecimento, relação com centros de I&D e com a Universidade e Politécnico, e existência de recursos humanos de qualidade.

Para isso preparamos um espaço de qualidade. Onde se pode trabalhar, viver e aproveitar momentos de lazer. Definimos com clareza as regras para os edifícios empresariais, seleccionamos as áreas estratégicas

e iniciamos as parcerias relevantes, conscientes de que o mundo se faz em rede, cooperando com outras empresas, outros parques, outras realidades. Dotamos o parque das infra-estruturas necessárias para que sejam um aliado da actividade das empresas. Preparamos um *Business Center* que pode oferecer às empresas as condições para que desenvolvam os seus negócios tendo o apoio e suporte de instalações físicas de qualidade e equipas de apoio especializadas. Planeamos um edifício para aceleração de empresas (incubação de 2ª fase) a que chamamos *Nicola Tesla*. Nesse edifício pretendemos sediar empresas em crescimento, e ajudá-las a acelerar o seu crescimento. O objectivo é que estas empresas sejam mais rapidamente elementos transformadores da realidade de Coimbra: na economia, na oferta de emprego qualificado e na relação com os centros de conhecimento.

O **iParque** é um elemento de uma estratégia para a cidade de Coimbra e para o Centro de Portugal. Trabalha em rede com outros parques e incubadoras com o objectivo de ter uma oferta coerente e eficaz. E isso é um elemento estratégico de fundamental relevância, que foi recentemente particularizado na candidatura apresentada ao QREN, medida de Parques de Ciência e Tecnologia e Incubadoras de Base Tecnológica, denominada **InovC** e liderada pela Universidade de Coimbra. Esta candidatura inclui ainda como parceiros nucleares o **iParque**, o Biocant, o Instituto Pedro Nunes, o Parque de Óbidos, o Parque de Montemor-o-Velho, entre outros.

Criado este ambiente, demonstrada a nossa capacidade empreendedora e de geração de actividade económica, verificada a ligação aos centros de saber, Coimbra e o Centro de Portugal serão atractivos para iniciativas empresariais que signifiquem um considerável investimento estrangeiro diferenciador, que é necessariamente o investimento na nossa capacidade de sermos criativos e empreendedores.

Esse é que é o investimento relevante e sustentável.

* Presidente do Conselho de Administração do iParque

Mais informação sobre o iParque em www.coimbraiparque.pt

Colocação na Sala dos Archeiros

Da Série da Vida de Tobias

António Filipe Pimentel *

A série de oito tábuas maneiristas representando a Vida de Tobias constitui um dos muitos tesouros que se guardam no Paço das Escolas. E, como quase tudo nesse extraordinário edifício, possui uma história que merece ser contada: e, sobretudo, que merece ser vista. Com efeito, têm a sua origem na respectiva oferta à Companhia de Jesus, em 1600, pelo bispo-conde D. Afonso de Castelo Branco – que procedera já, em 1598, à colocação da pedra fundamental da sua

monumental igreja –, prelado ilustre pela estirpe, cultura e acção mecenática (que em Coimbra deixaria tantos traços) e que chegaria a ocupar, durante a união dinástica, as funções de Vice-Rei. A razão da oferta radicaria no seu reconhecimento pela abnegada actuação dos padres inacianos durante o violento surto pestífero que assolara Coimbra no ano anterior, cidade de que se considerava efectivo senhor, a um tempo no plano espiritual e no plano temporal.



Executadas, segundo Vítor Serrão, por Mateus Coronado, artista castelhano ao seu serviço, a partir de gravuras de Dirk Volkerst, as tábuas ilustram, em oito passos cumulativos (com representações complementares em primeiro e segundo plano) e em leitura sequencial da esquerda para a direita, um trecho dos livros deuterocanónicos do Velho Testamento: a saga, na verdade pouco divulgada, da viagem do jovem hebreu Tobias, de Ninive até Ragès (a actual Shahr-e-Rey, no Irão), ocorrida, segundo a tradição, nos inícios do século VIII a. C. A saber: *A provação de Tobite; Tobias inicia a sua jornada na companhia de Azarias; A captura do peixe miraculoso; Tobias e Azarias alcançam a terra de Ecbátana; Tobias livra Sara do demónio; Esponsais de Tobias e Sara; Tobias empreende a viagem de regresso e Revelação da identidade do Arcanjo São Rafael*. O relato evangélico constitui uma metáfora da conquista, por intermédio da Fé, das virtudes da coragem, fraternidade, humildade, abstinência e castidade, pelo que a sua oferta à congregação dos *apóstolos*, como eram denominados os seguidores de Santo Inácio – em cuja igreja deveriam figurar em lugar destacado, protegidas por cortinas de tafetá, que o prelado igualmente ofertaria –, funciona não somente como agradecimento pela sua exemplar actuação no contexto referido, mas como público testemunho da exemplar ilustração dessas virtudes por parte da milícia jesuítica, que o bispo objectivamente patrocinava. A integração das oito tábuas no Paço das Escolas, porém, decorre mediatamente da expulsão da Companhia, em 1759 (com o correlativo encarceramento da respectiva igreja) e, no plano imediato, da integração do Colégio de Jesus no património da Universidade, em 1772, com entrega do templo à diocese, com o fito de servir-lhe de nova catedral, como desde então sucederia.

Tudo indica, pois, que na sua incorporação terá tido

um papel activo o Reitor-Reformador D. Francisco de Lemos, que presidiria à implementação dessa medida administrativa (ao mesmo tempo que à reforma da Universidade, decorrente dos novos estatutos, outorgados nesse ano) e que actuava, em simultâneo, como vigário-geral e administrador da diocese.

No Paço, seriam as oito tábuas colocadas no coro alto da Real Capela, onde se conservariam até 2003, quando foram objecto de uma intervenção de limpeza e reabilitação. Assim, desaconselhada tecnicamente a sua recolocação *in situ* – sendo que nada, historicamente, vinculava uma fidelidade museográfica a essa situação – seria tomada a decisão de expô-las na Sala dos Archeiros, uma das dependências mais emblemáticas do palácio universitário, no quadro do objectivo de valorização do circuito turístico definido pela Reitoria e com vista a possibilitar uma fruição eficaz do conjunto pictórico, inviável na anterior localização. E, com esse objectivo, seria de igual modo criada a respectiva folha de sala, com a colaboração do Dr. Milton Pacheco, jovem historiador da arte integrado no Gabinete de Candidatura à UNESCO (GCU), possibilitando, por essa via, uma cabal compreensão do seu significado histórico e artístico. Contribuindo poderosamente para o renovado brilho apresentado pela Sala dos Archeiros (numa acção modelar, que se desejaria poder alargar a todo o Paço Reitoral, cuja antecâmara constitui), a série da *Vida de Tobias* tem concitado, desde a sua exposição no novo local, um merecido interesse por parte de quantos quotidianamente nos visitam – e não terá passado despercebida, certamente, à comunidade universitária, a quem pertence, quando demanda o Paço das Escolas.

* Pró-Reitor para o Património da Universidade de Coimbra

The Invisible Laboratory

Luísa Lopes

Quando as práticas do quotidiano se transformam em práticas artísticas

Enraizada na sociedade, a ciência interfere em inúmeros sectores da nossa vida, pois está permanentemente a alargar as fronteiras do nosso conhecimento, gerando uma intrincada rede de relações que exigem um olhar atento, activo e crítico. Esta consciência do seu papel e da sua natureza é um elemento fundamental para a democratização do saber. Alguns dos conceitos que hoje circulam no espaço cultural provêm da física, da biologia, das neurociências, da matemática ou da inteligência artificial, favorecendo as ligações entre a ciência e a arte, onde a tecnologia tem um papel fundamental e mediador. Tornando a divisão irrelevante, a tecnologia reunifica, assim, a ciência e a arte em nome da criatividade e da inovação. Intensificando este encontro, as fronteiras entre arte e ciência têm vindo a esbater-se, existindo exemplos catalizadores da intersecção entre ambas as áreas. Exemplos disso são não só instituições como Art Science Research Laboratory – ASRL (New York), SciArt (Londres), The Arts Catalyst (Londres), SymbioticA (Austrália), mas, também alguns eventos internacionais nomeadamente a mostra *L'Art Biotech* (Lieu Unique, Nantes), *Días de Bioarte'06* (Fac. Biologia, Universidade de Barcelona), *Transmediale* (Festival de Art Digital, Berlim), *BEAP* (Bienal de Arte Electrónica, Austrália), *META.morfosis, el museo y el arte en la era digital* (MEIAC, Badajoz), *Festival de Arte Electrónica* (Linz, Áustria) e *Concurso Internacional sobre Arte y Vida Artificial* (Madrid).

Em Portugal, a actividade ainda é relativamente diminuta bem como a receptividade a potenciais parcerias. Porém, há que realçar algumas iniciativas envolvendo o Instituto de Biologia Molecular e Celular – IBMC Porto (*I Encontro Arte e Ciência e Hybrid Meetings*), o Instituto Gulbenkian de Ciência (Ectopia), o Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (*A Imagem na Ciência e na Arte*), a revista *NADA*, e, mais recentemente, o programa Rede de Residências - “Experimentação Arte, Ciência e Tecnologia”, resultando da cooperação entre a Direcção-Geral das Artes/Ministério da Cultura e a Ciência Viva (www.dgartes.pt/arteciencia/Index.htm).

Assim, reveste-se de particular interesse lançar projectos onde sejam expostas experiências bem sucedidas, o que pode funcionar como estímulo para uma maior abertura das instituições e para a criação de uma plataforma comum de trabalho e investigação, entre artistas e cientistas e ampliar as perspectivas criativas. É neste contexto que se destaca “O Laboratório Invisível”, de Herwig Turk e Paulo Pereira, patente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra até 18 de Outubro. Formalmente trata-se de um trabalho que recorre a meios como fotografia, vídeo e escultura criando retratos ambíguos da vida num laboratório de investigação científica. Esta exposição temporária, instalada no espaço que futuramente acolherá a cafeteria do Museu, reúne os últimos objectos e dispositivos artísticos criados no âmbito do projecto Blindspot (www.theblindspot.org). Iniciado em 2004, integra obras construídas a partir das estruturas, materiais e procedimentos dos laboratórios do IBILI - Instituto

Biomédico de Investigação da Luz e Imagem da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. O artista austríaco Herwig Turk e o director do Centro de Oftalmologia e Ciências da Visão, Paulo Pereira, trabalham em conjunto há cinco anos para questionarem os processos de investigação e construção do conhecimento científico. Sendo a Ciência também ela uma realidade construída, segundo os autores o projecto “promove uma articulação integrada e construtiva entre Arte e Ciência enquanto actividades que partilham métodos, procedimentos e uma determinação em encontrar novas formas de representação da realidade”. Entre as várias obras

apresentadas pode, por exemplo, observar-se o filme feito a partir de imagens das sequências de DNA, em que a própria banda sonora é criada a partir da medição da luminosidade dos *frames*. Desta forma o *DNA Film* propõe ao espectador a experiência de ver projectada uma sequência genética como se, metaforicamente, se presencie um excerto de uma vida.

Realçando os aspectos periféricos e menos visíveis, mas que são parte do processo de produção científica, aqui a abordagem aos fundamentos epistemológicos da ciência faz-se em termos artísticos, dando assim relevo aos determinismos e às circunstâncias que



influenciam a formação/construção e a observação/representação. Nessa perspectiva, as fronteiras do laboratório esbatem-se e a ambiguidade artista/cientista daí resultante toca, necessariamente, o nosso olhar. Partindo ainda de uma reflexão sobre a representação social do conhecimento científico, e do imaginário que a ciência veicula, focam-se as implicações ideológicas, conceptuais e filosóficas de noções como verdade ou objectividade, que são, frequentemente, associadas à prática científica.

Também nas fronteiras indefinidas desta relação está a comunicação. A promoção do interface arte--ciência constitui uma mais valia no que respeita à

comunicação da ciência, potenciando a sua presença num meio cultural, do qual tem estado frequentemente alheada. Favorecendo o fluir de conceitos, o exercício e o trabalho daí resultantes contaminam o quotidiano, quer pela estranheza, quer pelo fascínio, gerando grande controvérsia, reflexão e debate.

Com a exposição “O Laboratório Invisível”, o Museu da Ciência cumpre, mais uma vez, a sua missão: assumindo o complexo papel de mediador e promotor de diálogo, conduz-nos a reflectir sobre as franjas desta cultura transversal.

Agosto 2009



Breves

Aluna da FLUC vence concurso nacional de Língua Chinesa

Bastaram dois anos no curso livre de Língua e Cultura Chinesas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) para que Ana Luísa Bernardino, 18 anos, vencesse o Concurso Nacional de Língua Chinesa organizado pela Embaixada da China em Lisboa. Ana foi avaliada ao nível da caligrafia com pincel, dos conhecimentos de História, Cultura e Geografia e da oralidade. A vitória levou-a até à Universidade de Xangai, para um curso intensivo de Língua de um mês. Porquê tanto interesse pela cultura e Língua Chinesa? Ana Luísa responde: “Eles têm 56 etnias diferentes e estão unidos num só país há imensos séculos. Acho isso muito interessante. Também gosto de Confúcio e de outros filósofos chineses. É uma cultura única”. Este mês decorre a meia-final, onde Ana vai representar Portugal entre mais de 90 concorrentes internacionais.

UC abriu aulas com Companhia Nacional de Bailado

“Strokes through the tail”, “Fauno” e “Cantata” são os nomes das coreografias, interpretadas pela Companhia Nacional de Bailado, que estiveram em palco a 16 de Setembro no TAGV para comemorar a abertura solene das aulas do ano lectivo 2009/2010. “Strokes through the tail” é uma coreografia de Marguerite Donlon que reflecte a relação dos objectos masculinos e femininos com o seu contexto. “Fauno”,

coreografia de Vasco Wellenkamp, é, segundo explica o coreógrafo, uma obra que resulta da “dualidade meio homem meio animal dessa figura mítica [Fauno]”. “Cantata”, coreografada por Mauro Bigonzetti, é, nas palavras do autor, “uma coreografia plena das cores vibrantes, típicas do Sul de Itália”, que utiliza música italiana dos séculos XVIII e XIX.

CAV apresentou obras de Carrilho da Graça

A ponte pedonal do Vale da Carpinteira, na Covilhã, e o Convento de São Francisco e o Centro Cívico do Planalto do Ingote, ambos em Coimbra, foram os projectos cujas diferentes fases de execução estiveram em mostra na exposição “Paisagem” no Centro de Artes Visuais (CAV) entre Julho e Setembro.

A exposição incidiu sobre a temática do território e sua representação – problemática central da obra do arquitecto, exposta através de esboços e maquetas das três obras. Quem visitou “Paisagem” pôde ver ainda fotografias de Augusto Brázio, Frédéric Bellay e Edgar Martins, que mostram diferentes visões das intervenções arquitectónicas de Carrilho da Graça. “Paisagem” - comissariada por Albano Silva Pereira e Vasco Melo - dividiu o espaço do CAV com as exposições “Notas sobre um problema de Método”, de Pedro Calapez e “The night walker e outras obras”, de Ra Di Martino.

CAV, *Paisagem*, João Luís Carrilho da Graça, 2009



Imprensa da Universidade de Coimbra

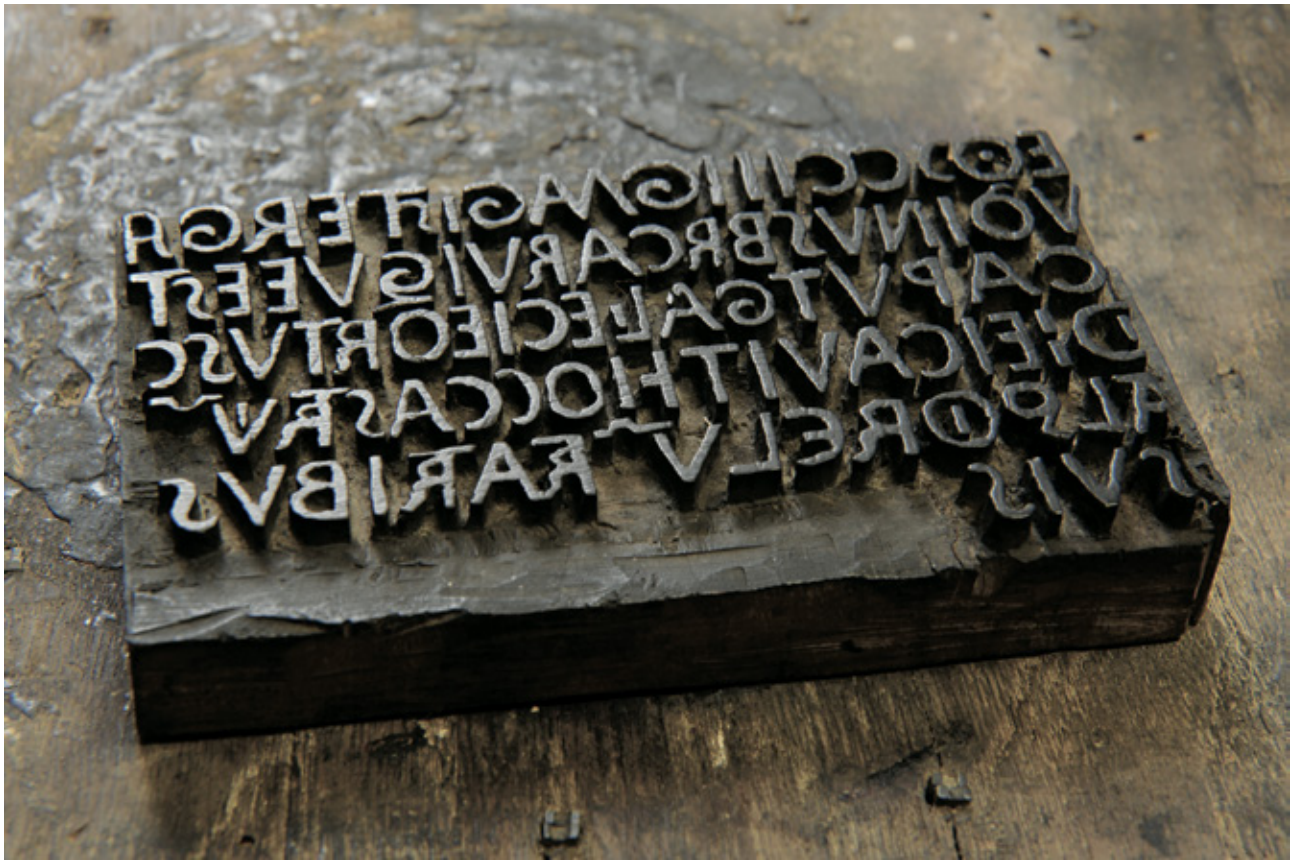
João Gouveia Monteiro *

A Imprensa da Universidade de Coimbra [IUC] é uma das sete “unidades de extensão cultural e de apoio à formação” previstas nos novos Estatutos da Universidade de Coimbra. A sua história confunde-se com a história da cidade de Coimbra, da sua Universidade e do próprio País nos últimos (quase) dois séculos e meio.

A IUC é uma criação do Marquês de Pombal, data de 1772 e enquadrável na profunda reforma da instituição universitária. Considerando que a *Real Officina da Universidade*, fundada alguns anos antes com o espólio do Colégio das Artes e com tipos provenientes da imprensa do Mosteiro de Santa Cruz, não estava à altura da Universidade, Sebastião José optou pela sua extinção e pela fundação de uma nova e mais ambiciosa *Imprensa* ou *Tipografia Académica*. Serviram-lhe de instalação provisória o claustro da Sé Velha e, depois, diversas construções nas proximidades da antiga catedral. Em Abril de 1774, o Reitor D. Francisco de Lemos enviava ao Marquês exemplares dos primeiros livros impressos na IUC.

A partir daqui, a história da Imprensa tornou-se uma história de sucesso que em muitos momentos se articula com a própria história política e cultural portuguesas: Guerras Peninsulares, Lutas Liberais, Lei das Rolhas, tudo isso passou pelos prelos da IUC, que em 1910 seria dinamizada com a publicação de novas revistas e projectos científicos. Deste espírito foi um intérprete sábio o Doutor Joaquim de Carvalho,

lente ilustríssimo de Filosofia da Faculdade de Letras, intelectual republicano e liberal, que desde Julho de 1921 dirigiu a Imprensa. Infelizmente, em Junho de 1934, Salazar decretou a extinção da IUC, num acto claramente político e autoritário, dirigido contra a notável produção editorial e impressora de um organismo que o Estado Novo tinha dificuldade em fiscalizar, mas que visava também, pessoalmente, um republicano histórico e demoliberal, *maçon* e promotor da Universidade Livre, homem de grande prestígio intelectual como era o Doutor Joaquim de Carvalho. O silenciamento da Imprensa da Universidade de Coimbra durou 64 anos. A sua refundação deve-se em boa parte ao Reitor Doutor Rui de Alarcão, que solicitou ao Doutor Luís Reis Torgal e à Dra. Maria Antónia Amaral um estudo sobre a reorganização do Serviço de Publicações e Documentação da Universidade, os quais, em 1986, apresentaram uma fundamentada proposta nesse sentido. Mas foi o Reitor Doutor Fernando Rebelo que, em 1998, lhe deu seguimento prático, nomeando seu Director o Doutor Fernando Regateiro, professor da Faculdade de Medicina. Em meados de 2005, a IUC apresentava já um conjunto de 57 novos títulos, distribuídos por três séries (*Investigação, Ensino e Documentos*). Para além disso, a *Imprensa* investiu também na organização de uma grande exposição itinerante sobre a sua própria história, num encontro pioneiro de imprensas universitárias de todo o Mundo e no lançamento do processo



de identificação de todos os títulos editados desde a sua fundação.

Com o seu novo Director, o professor de Direito José de Faria Costa (empossado em Julho de 2005), a IUC continuou a crescer, passando a editar quase 40 novos títulos por ano distribuídos por um conjunto de uma dezena de colecções cobrindo múltiplas áreas da cultura e da ciência¹. Neste período, que haveria de se prolongar até Março de 2009, a Imprensa foi reinstalada no edifício do Instituto de Coimbra, afinal a sua morada original (depois transformada pelo Estado Novo), à beira da Sé Velha, desenhada por Guilherme Elsdén (um engenheiro militar inglês que participou activamente na reforma pombalina

da UC). Percebendo que o futuro passará pela união dos editores universitários portugueses, a IUC promoveu as primeiras edições do Encontro do Livro Universitário de Coimbra e apostou ainda na criação da Associação Portuguesa de Editores do Ensino Superior [APEES], a que actualmente preside e que reúne quatro universidades (incluindo a do Porto), projectando-se para Outubro de 2009 uma importante realização conjunta.

A força da história da Imprensa, a memória de Joaquim de Carvalho, o empenho e competência dos seus mais recentes directores e o fascínio (tão próprio de um historiador) pelo mundo dos livros

e das edições levaram-me a aceitar o convite gentil do Magnífico Reitor, Fernando Seabra Santos, para conduzir os destinos da IUC até ao termo do actual mandato reitoral. Se me perguntarem o que mais me motiva nesta missão, responderei de forma simples identificando as sete prioridades estratégicas (uma por cada dia da semana!) que – ouvido o Conselho Editorial da Imprensa (onde têm assento representantes de todas as Faculdades, da Reitoria e do Senado²) – mobilizam já a energia da pequena equipa que tenho o prazer de coordenar:

1. Preservar a qualidade da produção editorial da IUC (através da validação científica prévia das obras propostas para publicação) e, se possível, aumentar o número de títulos publicados anualmente.

2. Dinamizar três novas colecções: i) *Estado da Arte*, vocacionada para a produção de pequenos livros (género *Que sais-je?*) que constituam sínteses actualizadas e muito didácticas, viradas para o grande público, sobre temas fortes da ciência, da cultura e até da realidade social portuguesa³; ii) *Li*, colecção dedicada à reedição de clássicos da literatura portuguesa (ou da ciência) que há muito se encontrem esgotados; iii) *Descobrir as Ciências*, uma colecção vocacionada para um público infanto-juvenil, visando sensibilizá-lo para a observação da natureza e para a explicação dos seus segredos.

3. Acarinhar – num momento tão delicado como o que vive o nosso Ensino Superior, nesta fase de adaptação ao chamado “modelo de Bolonha” – a produção de bons manuais de ensino em todas as áreas do saber⁴.

4. Lançar a *Imprensa* no mundo do digital, o que pensamos fazer em estreita colaboração com a ID@UC (a Plataforma Digital da FLUC), no que às revistas universitárias de Coimbra (de que tencionamos tornar-nos editores) diz respeito, e com o SIBUC (o Sistema Integrado da BGUC), no que toca aos nossos livros e aos artigos ou capítulos de livros dos autores portugueses inseridos nos nossos periódicos ou em obras colectivas.

5. Incentivar a APEES, criando com isso uma estrutu-

ra forte de editoras universitárias portuguesas, capaz de promover a visibilidade dos nossos títulos e de facilitar a nossa penetração noutros mercados de língua portuguesa (em especial no Brasil e em Angola).

6. Promover a imagem da IUC, através de uma presença regular na vida cultural da UC e da cidade de Coimbra e do estreitamento do contacto com a comunidade universitária (incluindo a comunidade estudantil, por meio da AAC), por via de parcerias múltiplas de que possam resultar eventos como: a Feira do Livro Universitário; tertúlias sobre temas relacionados com os nossos livros de temática mais abrangente (p. ex. os da citada colecção *Estado da Arte*); exposições itinerantes (aproveitando a riqueza da história da *Imprensa*); ou colóquios sobre temas relacionados com a promoção do livro e da leitura (um tema tão oportuno para uma geração jovem que perdeu os hábitos de leitura tradicional), a gestão editorial, a propriedade intelectual e os direitos de autor, entre muitos outros.

7. Criar o *Prémio Joaquim de Carvalho*, uma ideia da direcção anterior a que queremos dar continuidade, galardoando anualmente uma obra seleccionada por um júri competente, nos termos de um Regulamento a divulgar em breve.

Como se vê, projectos não faltam, nem energia para os concretizar. Tudo dependerá da resposta da comunidade universitária de Coimbra aos nossos desafios e da mobilização da cidade perante as nossas iniciativas. Temos consciência de que é em rede que devemos trabalhar, e é com esse espírito que parto para esta missão. Acredito nos efeitos de um trabalho planificado e persistente, estou certo de que é muito mais aquilo que nos une do que aquilo que nos divide, saberemos por isso tirar partido do melhor que cada parceiro tem para nos dar. *Scientia cum corde* (“ciência com coração”) é a divisa da pequena equipa instalada no n.º 1 da Rua da Ilha, paredes-meias com a velha catedral de Coimbra.

* Director da Imprensa da Universidade de Coimbra
(directoriuc@ci.uc.pt)

1. - As colecções que a *Imprensa* oferece são, neste momento, as seguintes: Arquitectura; Ciências da Saúde; Ciências e Culturas; Descobrir as Ciências; Estado da Arte (saiu apenas o primeiro número); Estudos: Humanidades; História Contemporânea; *Natura Naturata*; Olhares; *Portugaliae Monumenta Neolatina*; e República.

2. - São membros do Conselho Editorial da IUC os Doutores António Barbosa de Melo (Reitoria); Carlos André (Senado); Maria do Céu Fialho (Letras); Rui Marcos (Direito); Carlos Robalo Cordeiro (Medicina); Lélío Quaresma Lobo (Ciências e Tecnologia); João Rui Pita (Farmácia); João Namorado Clímaco (Economia); Adelino Duarte Gomes (Psicologia e Ciências da Educação); e Ana Maria Teixeira (Desporto e Educação Física). Tem também assento neste órgão um estudante, designado pelo Senado.

3. - Estão já garantidos pequenos livros (máximo de 100 pgs., quase sem notas

e bibliografia) sobre os seguintes temas: *A actual crise financeira*; *Músicas do Mundo*; *Saúde Mental*; *O Envelhecimento*; *Violência e Abuso na Intimidade*; *Empreendedorismo*; *Esterilidade e Procriação Medicamente Assistida*; *Como nos tornámos Humanos*; *O Diálogo Inter-Religioso*; *História breve da ciência em Portugal*; *História breve da pintura ocidental*; e *História breve da música (erudita) ocidental*. O único volume desta colecção publicado até ao momento intitula-se *História Breve das Misericórdias Portuguesas, 1498-2000*, sendo suas autoras Maria Antónia Lopes e Isabel Guimarães Sá.

4. - Estão já confirmados, para edição em 2010, manuais de ensino nas seguintes áreas: *Álgebra Linear*; *Biotecnologia das Plantas*; *Drama e Comunicação*; *Economia dos Transportes*; *Economia Monetária e Financeira*; *Engenharia Electrotécnica*; *Fundamentos de Balanços de Energia* (reedição); *História da Unificação Europeia*; *Logística*; *Gestão de Workflows* (tradução); *Medicina Legal*; e *Política Externa*.

I
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

Uma universidade em território Nyaneka (Sul de Angola)

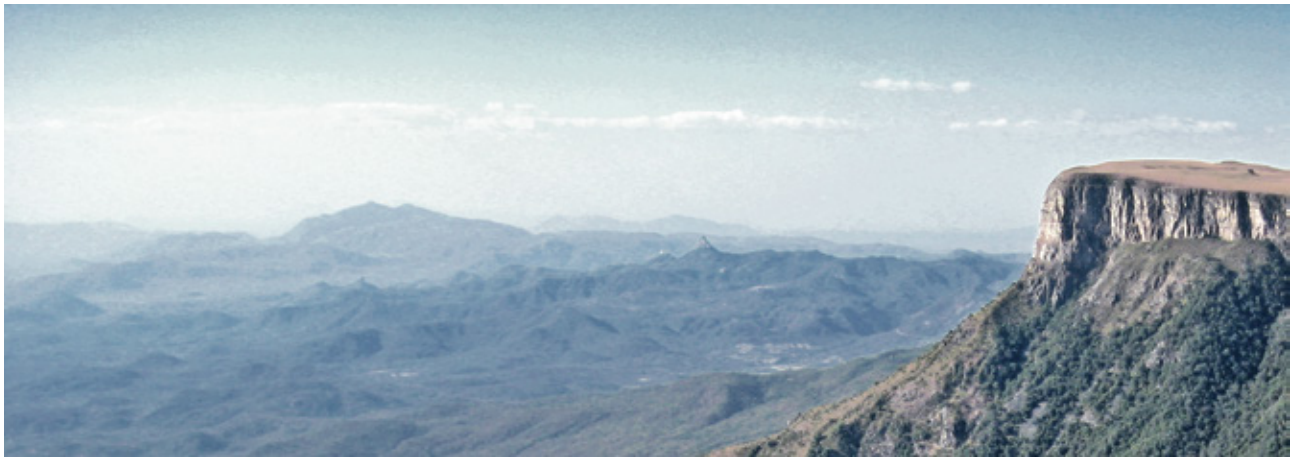
UPRA de Lubango

Maria Helena Henriques *

O jeep avança sobre uma estrada de terra batida, de cor vermelha, levantando uma nuvem de pó que se ergue acima do solo à sua passagem. Estamos no planalto da Humpata, a 2030 metros de altitude, na zona do Tchitoco, em pleno coração da província da Huíla. A estrada que percorre este território do sul de Angola é agora a via que docentes, estudantes e funcionários utilizam para irem para a Universidade Privada de Angola (UPRA) no Lubango, que lentamente se constrói no cimo da montanha, pavilhão a pavilhão, dando corpo a um projecto em que poucos acreditavam: uma escola sustentável. Margarida Ventura, uma angolana de 51 anos, doutorada em Psicologia Clínica pela Universidade do Minho, e Vice-Reitora da UPRA, não hesita perante as dificuldades que se erguem quando está em causa ampliar o Pólo de Lubango da sua universidade, criado em 2005, quando abriu com três licenciaturas: Psicologia, Engenharia do Ambiente e Eco-turismo. Hoje, no Lubango funcionam 9 cursos de licenciatura, num total de mil alunos, e o curso de Mestrado em Geociências, em parceria com a Universidade de Coimbra. “No próximo ano, saem os primeiros Mestres em Geociências pela Universidade de Coimbra no Lubango”, diz Margarida Ventura, com a mesma genica que utiliza para resolver um problema de falta de água ou de dificuldades na obtenção de um visto para a entrada de um docente português em território angolano. “Vamos ter que fazer uma grande festa!”, remata, entusiasmada, pegando novamente no telefone para resolver outro problema.

A ampliação da UPRA no Lubango obrigou a perspetivar a construção de novas instalações ou a reabilitação de um edifício antigo da cidade. Perante a situação, Carlos Ribeiro, um lisboeta licenciado em Engenharia do Ambiente pela Universidade Nova de Lisboa, e actual Director Científico da UPRA no Lubango, foi peremptório: “Vamos para a Humpata!”. A região de Tchitoco era o local ideal para desenvolver um projecto universitário com características de um eco-parque: um espaço de montanha amplo, a escassos quilómetros do Lubango, onde se poderia apurar os cuanhamas, uma raça única de cavalos angolanos, e experimentar técnicas inovadoras de agricultura, capitalizando na sua experiência anterior de docente na Escola Superior Agrária de Coimbra.

“Toda a gente dizia que este projecto era uma utopia”, acrescenta Margarida, a quem competiu convencer a administração da UPRA em Luanda, a conceder financiamento para comprar os terrenos, erguer edifícios e adquirir cavalos e gazelas que, dentro de pouco tempo, povoarão os setenta hectares do Campus da UPRA no Lubango. As instalações antigas da UPRA funcionam no centro da cidade, um espaço exíguo para o actual número de alunos que a frequentam, mas a mudança para as novas instalações, situadas no cimo do planalto, não é do agrado de todos. Margarida não lhes dá troco. Comprou autocarros, que exibem o desenho estilizado de um embondeiro, logotipo da UPRA, e lá seguem todos, montanha acima, rumo às aulas, em salas apetrechadas com tudo e mais alguma coisa,



e com vistas magníficas para uma paisagem onde já crescem mulembeiras, jacarandás e mabuqueiros, que mandou plantar.

Três anos depois de terem idealizado, num papel, uma universidade onde querem implantar sistemas energéticos auto-sustentáveis, Margarida e Carlos recordam com nostalgia todas as dificuldades ultrapassadas, a começar pela construção da estrada de terra batida, que se desvia da via asfaltada para o Namibe, e que investe mato-dentro, rumo ao Campus. Das conversações morosas com o Soba da Humpata, território de pastagem dos Nyanekas, grupo etno-linguístico que ocupa o Centro-sul da

Província da Huíla, ficou a amizade e o respeito mútuo, para além de uma generosa indemnização aos pastores da região. António Cristino, de 39 anos, é neto de Watulumana, Soba Ovimbundu, outro grupo etno-linguístico da Região Norte da Província da Huíla. Todos os dias apanha o autocarro da UPRA, rumo a Tchitoco, não para trabalhar no campo, mas para ter aulas de Micropaleontologia, uma disciplina da Especialidade em Geologia do Petróleo do Mestrado em Geociências, leccionado no Campus de Lubango da UPRA. Será, no próximo ano, Mestre pela Universidade de Coimbra.

Na frente da Cultura Plástica dos anos 70.

GERAÇÃO BLACK CUBE

António Barros

White Cube é o termo que designa a sala de exposição branca, neutra, que na arte moderna substituiu as formas mais antigas de apresentação, como por exemplo pendurar os quadros muito perto uns dos outros sobre papel de parede colorido.

O *White Cube* propõe uma percepção concentrada e sem distração da obra de arte.

No Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, CAPC, em 1972, os propósitos de inovação na mostra são os mesmos, mas aí, onde então a *Academia* ordena o luto, numa condição identitária a negro o sítio assume-se, e o *White Cube* logo dá lugar ao *Black Cube*.

Victor Stoichita assinalou, seguindo Lacan, que se o *estado do espelho* tem a ver com a identificação do *eu*, o estado da sombra refere-se à identificação do *outro*. Assim o *Black Cube*, procurando um envolvente infinito, um espaço em negro pretensamente anulatório da sombra, resultará (até provocatoriamente), a ocultar a identificação do *outro*.

A operação artística *Minha Coimbra Deles ...*, CAPC, (1973), com o *eu* afasta o *outro*, mas é no propósito do *eu colectivo* que nasce a raiz da utopia, matiz de uma *Geração Black Cube* no CAPC, cujo legado à Cultura Plástica Portuguesa na década de 70 ganhou já singular reconhecimento. É então esse um estar em que o *objecto* ganha uma outra força simbólica, e o alvo é a ardósia operativa – virtual mimesis de uma despida agonia do lugar em negro que resultou norteador das (r)evoluções do seu tempo, onde a operação artística *A Floresta*, (1973), no CAPC [depois na *Alternativa Zero*, GNAM, (1977), e.o.], chega como desígnio de uma arte do *environment*. *A Floresta* surge da reiteração funcional do ambiente

de acolhimento: *O Labirinto*, (1972), de Fernando Pinto Coelho, (FPC), que a partir do jogo visual e das superfícies compõe motivos determinados visando produzir novos efeitos ópticos a partir de uma *Op Art* (já transitória), apta a colher novos valores das galvânicas *assemblages*.

É a “negra escuridão da floresta” o lugar sintonizador das peças induzidas pelos, aí anónimos, autores mutualistas [CAPC: AA; AM; JC;TS]*, convocando estes, como denominador comum, recursos onde o conceito e a tradição do *objecto* surrealista ficam incorporados no registo dos artistas.

Na *Arte do Objecto* incluímos todas as obras de arte que integram *objectos* ou materiais pré-existentes, ou que são inteiramente compostas por eles – é aquela estratégia duchampiana dos *ready-made* onde encontramos a potente metamorfose do real. Aí podemos chamar com Barthes, a “força expansiva metonímica”, e é nessa pulsão metonímica e literalmente motivadora da instalação, que parte dos *objectos* se precipitam insistindo no acto interpretativo – como a *Homenagem a Josefa de Óbidos*, (1973), ou mesmo antes, os premonitórios “achados arqueológicos” que as visionárias *instalações* de João Dixo, (JD), de 1971, procuraram fazer afirmar.

É no aqui denominado *Black Cube* (a “sala em negro” do CAPC enunciada por Albuquerque Mendes, (AM), nos seus testemunhos, e onde começou por mostrar a sua promissora acção interventiva), que convulsivamente surgem os *objectos comprometidos*, como as denotativas *Embalagens brancas numa embalagem negra*, (1972), de Armando Azevedo, (AA), seguido dos objec-

tos todos a negro no *Piquenique*, (1973), e até os alimentos só em preto no *Banquete*, (1977), também de Tília Saldanha, (TS) (1930-1988), onde a potência plástica das suas construções *memento mori* chega a tornar-se comovente. [Ver: AB, *Um Voo em Círculo Antes da Morte*, Rua Larga #10, Coimbra, UC-GCI, 2005].

Mas o lugar não se resigna. No mesmo cenário sem sombra, e depois de ter aplicado a letra P sobre o Ovo, Silvestre Pestana, regressado do exílio em Estocolmo – onde vem a desenvolver uma das partes mais exímias da sua fecunda carreira –, anuncia no *Black Cube* um “pOvo nOvo” e aí, a libertar o luto, (re) começa por denunciar as suas convulsivas “acções visualistas”: *Poema/Ovo*, (1977).

É também no vigor dos 70, no Círculo, pontuando a ocorrência das então denominadas *assemblages*, que surjo na procura de uma divinização da matéria iconicamente comprometida que, quando sacralizada, resulta emprestando ao sentido uma nova razão semântica [*Mitologias Locais*, SNBA, Lisboa, (1977)], enquanto que em *Enfo(r)camento* [*Semana de Arte da(na) Rua*, Coimbra, (1976)], impera o tempo de então reformular os objectos do social residual para a condição de *trash*, para um rebaixamento irónico das normas estéticas e qualitativas. Todo um repto a obrigar moldura para o *animus* kantiano gerado em *Puras, Razões Impuras*, [GNAM, Lisboa, 1977; Revista Colóquio Artes, FCG, Rui Mário Gonçalves]. Mas é na condição exploratória do enunciado como *Visualismo Português dos anos 70-80* que as minhas propostas buscam uma prática híbrida, um simbolismo de densidade consequente, o que vem a acontecer com *Escravos*¹ (1977), parte integrante de *Gritos/gRitos* [*da Angústia e do Sarcasmo*] e em *TrAdição/Traição*², (1979), escrita da *Poesia Experimental Portuguesa* aqui convocada, não apenas para uma subtil economia retórica, mas uma *arte de situação* de dizer debordiano.

Em *TrAdição/Traição*, recorro à fotografia não apenas como reflexo do que aconteceu (memória portátil do efémero performativo), mas como consciência da desapareição. Freud definia a fotografia como captura da experiência fugitiva, o desejo de conservar

algo para além do tempo, uma prática afim com a memória escrita: uma prótese com que suportar o inominável – a sua implacável chegada.

É nesta entropia que a fotografia comunga com a matéria *land* e a *palavra* – tudo num fluxo de convergência desmaterializadora da arte –, para alto fulgor do lugar criado em *Algias, NostAlgias*³ (1979), sempre na atmosfera de *Black Cube*, no CAPC.

[J > J]

É também nos anos 70 que a *Minimal Art* se galvaniza e prolifera. Corrente artística iniciada ainda na anterior década reduz as peças artísticas a formas claramente definidas, colocando-as numa relação concreta com o espaço e o espectador.

Cria-se assim uma relação osmótica e bivalente entre a obra artística e o acontecimento cénico, reflectindo a anulação de barreiras históricas que separam a arte da realidade.

Nesta contextualidade, Jerzi Grotowski reconduz o processo de representação a uma constelação de enunciados corporais extraídos da própria vida. É toda uma formulação de uma gestualidade capaz de envolver o espectador da forma mais directa, enquanto que o existir do texto é considerado como um obstáculo ao imediatismo e à autenticidade do espectáculo cuja finalidade última é confundir-se com a existência real.

Eleita a plasticidade, este tempo ordena que o texto se ausente, ou depure, surjindo reduzido aos seus elementos mínimos (tudo numa subtil presença do *Conceito* na arte, como até à própria poesia *Visual* e *Concrecta*). De um outro modo, em Julian Beck, no *Living Theatre*, a estrutura da narração é confiada a vozes exteriores à cena, e a improvisação, bem como a ideia do corpo do actor como fulcro da representação, são elementos decisivos. Partindo destes desígnios, uma nova identidade para afirmar os anos 70 logo é ganha, ou seja: um vivenciar em que, no Teatro, é tempo de ser *Actuante* (Grotowski) e não *Actor*, e nas Plásticas, é tempo de ser *Artor* (Rauschenberg) e não *Artista* – tudo em vigor para uma nova atitude de conjugação

da *Arte-Vida* com a *Vida-Arte* (Beuys/Vostell > *Fluxus*), princípios que passam a nutrir plurais segmentos do CAPC e CITAC.

É a partir desta “contaminação”, que José Ernesto de Sousa segue a ousadia de Apollinaire: “J’ai enfin le droit de saluer des êtres que je ne connais pas”, e depois de apertar a mão a Joseph Beuys em terras germânicas, não mais contrariou os impulsos oriundos da filosofia *Fluxus*.

Colhe ao *Insulto ao Público* de Peter Handke o formato, e, na *Ogiva*, em Óbidos, constrói o seu happening: *Agressão com o Nome de Joseph Beuys*, (1972).

Esta “encarnação” J > J [José > Joseph], mais provocatória que profetizadora, encontrou contudo sinergia num irreverente segmento do público que não temeu reagir em manifesto. Eram do CAPC, e traziam ideias próprias.

Exemplo inexecedível da verdadeira erudição, Ernesto de Sousa faz gerar no CAPC as suas galvânicas acções, não só performativas, mas de verbo e imagem a que chamava de “conversas vadias”.

Nascida a profícua e mutualista “contaminação”, Ernesto não mais deixou de se orientar para Coimbra, CAPC, e as suas convulsivas e cúmplices *operações* não se fizeram esperar. Desses desafios podemos encontrar aqui na memória três dos muitos momentos: 1.º- Seguindo uma ideia inédita de Robert Filliou, artista francês do *Fluxus*, a 17 de Janeiro de há muitos anos surgiu (hipoteticamente), o nascimento da arte. Ao CAPC coube, e em resposta a um desafio de JES, realizar a artística comemoração em Portugal do 1.000.011. *Aniversário da Arte*, (1974).

2.º- Às *Sete Meditações...* (*The Living Theatre*), peça executada no pátio da Universidade de Coimbra, (1977), seguiu-se no dia seguinte no CAPC, como nos enuncia JES: “... um dos actos sociais mais emocionantes em que me tem sido possível participar”. O CAPC nas suas instalações, recebera a celebração de um *Jantar Ritual da Páscoa Judia*, agora versão *Living*, e em que Julian Beck e Judite Malina conduziram em ousada ritualização os cânticos de Baez e a poesia de Ginsberg para uma solene comunhão performativa sem precedentes.

3.º- No Lavadero, uma antiga fábrica de lavagem de

lãs nos Barruecos, em Malpartida (Cáceres), Wolf Vostell (para quem, em *Fluxus*, ser artista é ser um educador), começa por criar, homenageando Maciunas (na *II SACOM*, 1979), um original museu para a memória *Fluxus*: o Museu Vostell Malpartida (MVM), ao qual fez integrar uma representação portuguesa com forte sinal do CAPC [AB, AC, ÇP, TS]*.

Assim, com uma actividade multimoda, a comunidade artística do CAPC é, segundo enuncia ainda JES, a única nos anos 70, no país, que desenvolveu um espírito de “work-shop”, e é nele que surgem projectos como a *Semana de Arte da (na) Rua*, (1976).

Este lugar resultou incubador de diferentes actividades grupais sinergizadoras de um efeito frutuoso nas artes da década seguinte, onde Coimbra ganha a legenda de “Capital da Performance-Art em Portugal” (Fernando Calhau).

Performativo é o grupo *Cores* [Grupo de intervenção do CAPC: AA, AB, ÇP, TS e.o.]*, (1977-78), e surge conseqüente à intervenção: *O Todo e a Parte, As partes e o Todo* do CAPC no manifesto de JES *Alternativa Zero* (iniciativa que abre a afirmar, como diz Paul Ricoeur, que “a mais extrema abertura pertence à linguagem em festa”).

Cores, o grupo GICAPC, sucede também às operações grupais *Maratona Cultural*, (1975), e *Ecologicamente*, (1975), em Coimbra, desenvolvendo-se contemporaneamente ao *Puzzle*, (1976), grupo gerado a partir de quatro elementos oriundos do CAPC [AA, AM, FPC e JD]*. Também na catarse do Círculo, e em expansão para norte, nasce para a área das artes vídeoperformativas o grupo *VideOporto* [do CAPC: AB, ÇP, RO, SP]*.

Neste âmbito, e com uma obra interpretativa de um *transfer* do autor para “Vénus”, Ção Pestana vê o seu trabalho *Alter-Ânsias* reconhecido com o prémio vídeo-arte na *III Exposição de Artes Plásticas, Fundação Calouste Gulbenkian*, (1986) [O CAPC esteve representado na exposição com: AB, ÇP, RO]*.

Mas os anos 70 foram sempre um tempo de desafio e procura para as artes-de-acção (*performing arts*), e para isso, a Oficina de Interacção Criativa, (OIC) (1979), vocacionada para o estudo no domínio exploratório, surge a trabalhar inovadoras interacções dinâmicas. Insigne escultor e pedagogo, com uma vasta e conti-

nuada actividade no CAPC, Alberto Carneiro vem a dirigir a OIC a partir de uma proposta envolvente das unidades CAPC e CITAC.

Paralelamente, e na Galeria CAPC, Dois Ciclos de Exposições: *Novas Tendências na Arte Portuguesa e Poesia Visual Portuguesa* [comissários: AB,AC]*, habitam o **Black Cube**, fazendo centrar em Coimbra a melhor arte lusa então produzida. Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, Helena Almeida, Julião Sarmento, Palolo, Ana Hatherly e António Aragão são alguns dos muitos artistas a partilhar aí as suas obras.

Artoral foi fundamentalmente o *Artitude.01*, em 1979, e formulei-o para resultar num projecto de objecto-revista de consequência performativa.

Nos seus 6 números editados, começa a publicação por ser um objecto mais que objecto: o sapato como capa de revista cujas páginas são as próprias palmilhas. Os princípios enunciadores da Universidade Livre Internacional (ULI) de Beuys abriram o número. Uma análise sobre o lugar, foi o terceiro número da revista abordando o tema **Black = Black – Imagens e Sensações da Personalidade Coimbra**.

O corpo da revista, o grupo *Artitude.01* [AB, IC, IP, JL, JT, RO]*, é quem então vem a sinergizar o *simposium Projectos & Progestos, Novas Tendências nas Linguagens Artísticas Contemporâneas*, iniciativa desenvolvida para o programa Teatro Estúdio do CITAC – um espaço igualmente em negro na mesma identidade **Black Cube** [comissários AB, RO]*.

A iniciativa dinamizada num espírito *artist-run spaces* a partir do evento *Multi/Ecos*, (1978), vem a desen-

*AA – Armando Azevedo, AB – António Barros, AC – Alberto Carneiro, AM – Albuquerque Mendes, ÇP – Ção Pestana, FPC – Fernando Pinto Coelho, IC – Isabel Carlos, IP – Isabel Pinto, JC – José Casimiro, JD – João Dixo, JES – José Ernesto de Sousa, JL – José Louro, JT – João Torres, MF – Manuela Fortuna, RO – Rui Orfão, SP – Silvestre Pestana, TL – Teresa Loff, TS – Tília Saldanha.

1. Peça presente em *Anos 70, Atravessar Fronteiras*, exposição comissariada por Raquel Henriques da Silva, Jorge Molder e Manuel Costa Cabral, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Fundação Calouste Gulbenkian, 8 Out. – 10 Jan. 2010, Lisboa.

2. Obra hoje pertença da Fundação de Serralves, e em mostra na exposição *Serralves 2009 – A coleção*, comissariada por João Fernandes e Ulrich Look, Museu de Serralves, 30 Out. – 17 Jan., 2010, Porto.

3. Com presença sequente no Museu Gulbenkian, *III Exposição de Artes Plásticas, FCCG*, (1986). Para uma leitura aturada destas vitalidades do CAPC nos anos 70, vale ainda olhar o texto: *Círculo de Artes...* de Mar-

volver-se nos anos seguintes fazendo inscrever as múltiplas disciplinas das artes performativas.

Aí se afirmaram as obras dos artistas nacionais e internacionais mais relevantes na época. De James Coleman ao *Stathion House Opera*, Nigel Rolfe, Sztabinski, Peter Trachsel e *The Basement Group*, entre tantos outros, dialogaram com as experiências portuguesas: de E. M. de Melo e Castro a Ernesto de Sousa, de Jorge Lima Barreto a Rui Orfão (nome maior da *performance-art* em Portugal) e a *Fila K*, ou mesmo de Ricardo País a Alberto Pimenta, em *Conductus*, com Isabel Carlos, J. A. Bandeirinha e Jorge Vasques (1958 - 2009). Ver: CITAC *Esta Danada Caixa Preta só a Murro é que Funciona*, “Olhares”, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, [ISBN:972-87-04-97-6].

Referir os anos 70, é enunciar apenas uma quinta fracção da história do CAPC, que com 50 anos em 2008, viu-os sinalizados com *Recordações Imaginárias* – em sala e em livro –, uma revisitação da obra singular de Armando Azevedo comissariada por António Olaio. Ver: Armando Azevedo, *Recordações Imaginárias*, Coimbra, CAPC, 2008, [ISBN: 978-972-8679-23-1]

Referir os anos 70 nas artes plásticas e performativas na Universidade de Coimbra, é convidar a um olhar atento sobre a sua *Academia* contemplada com o vigor das ideias, e um querer “para além da utopia”, mormente do CAPC [Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra], e do CITAC [Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra].

Sempre da Academia de Coimbra⁴.

garida Amaro, Revista Mundo da Arte, Jan./Mar., 1990, ou mesmo os que fabriquei (assinando com o apelido Teixeira de Sousa) para as revistas *Fenda*, *Arte Opinião* ou *Sema*, e, não menos, a indispensável obra escrita de José Ernesto de Sousa, JES (1921-1988), com os seus testemunhos em *Ser Moderno... em Portugal*.

António Azenha na sua dissertação (FLUC, 2008), refere ainda o CAPC como genoma dos performativos grupos *Puzzle* [AA, AM, FPC, JD e.o.] * e *Corés* [AA, AB, ÇP, MF, RO, TL, TS] *.

Mas para olhar depoimentos de elementos do CAPC sediados nesta época [AA, AB, AM, EA, JD, JES, SP] *, obriga fazer-se situar fundamentalmente, nas publicações, não de Coimbra, mas da Cidade do Porto Capital Europeia da Cultura, 2001, mormente as que documentam a iniciativa: *[+de] 20*, comissariada por Fátima Lambert e Laura Castro.

4. Dedico estas palavras à memória de dois companheiros dos anos 70 – João Vieira e Jorge Vasques –, que morreram em *combate* enquanto eu escrevia este breve testemunho.



Moinhos de vento do futuro

C. Rebelo, L. Simões da Silva *

A utilização da energia do vento para moagem de cereais ou extracção de água de poços é uma solução tecnológica que remonta ao início da nossa era, sendo certo que Persas e Chineses já a utilizavam no ano 644. No entanto, foi durante o advento da utilização intensiva da electricidade que, em 1891 na Dinamarca, Poul La Cour desenvolveu o primeiro aerogerador baseado em princípios científicos, o qual desenvolvia uma potência máxima de 35 kW e teve aplicação prática na produção de hidrogénio usado em lâmpadas de iluminação pública (Hau, 2006).

Durante todo o século XX foram feitos progressos notáveis, tanto na Europa como nos Estados Unidos na teorização do comportamento aerodinâmico das turbinas eólicas e no seu desenvolvimento tecnológico, com o objectivo de produção rentável e sustentável de energia eléctrica. Dos estudos então desenvolvidos deve realçar-se a contribuição dada pelo Físico alemão Albert Betz (1885-1968) que, em 1919, demonstrou cientificamente que a eficácia dos conversores eólicos na extracção da energia do fluxo de ar está limitada a 59.3%. Este cientista estabeleceu também a base teórica para a forma aerodinâmica das pás que, em harmonia com os desenvolvimentos verificados na indústria aeronáutica, permite obter as formas de pás altamente rentáveis que equipam as actuais turbinas eólicas.

O conceito de agrupar várias torres eólicas para constituir parques eólicos, desenvolvido em meados do século XX, vem permitir a utilização comercial em larga escala da energia do vento através da ligação destes parques ao sistema eléctrico existente. Princi-

palmente após a crise petrolífera vivida nos anos 70, em que os países industrializados despertaram para a necessidade de promover o desenvolvimento de energias alternativas ao petróleo e ao carvão, é dada pelos Governos de vários países europeus verdadeira importância à energia eólica.

Actualmente, a maturidade comercial das soluções tecnológicas para torres eólicas permite ter já um peso significativo de energia eólica no total de energia injectada na rede eléctrica dos países europeus. Em Portugal, os últimos anos foram de grande azáfama na promoção e construção de parques eólicos, com cerca de 3100 MW de potência instalada, levando a que, actualmente, mais de 10% da energia eléctrica consumida provenha do vento, valor este que, a manter-se a curva de investimento, será de 20% dentro de poucos anos. A independência energética e a estabilidade de custos de produção face às enormes variações do preço do petróleo são razões óbvias para os investimentos feitos e para outros países, como o Brasil, justificarem o incremento do investimento em produção de energia eólica, a qual é hoje indubitavelmente uma alternativa muito competitiva, principalmente quando combinada com a energia hidroeléctrica, compensando o desequilíbrio diário de procura através do armazenamento de energia por bombagem com turbinas reversíveis em aproveitamentos hidroeléctricos durante a noite.

Apesar de, ao longo das últimas décadas terem sido igualmente desenvolvidas turbinas eólicas de eixo vertical e horizontal, são as deste último tipo as que cada vez mais se vêm surgir no horizonte montanhoso



das nossas paisagens. A potência mais comum das turbinas montadas actualmente ronda os 2MW e são instaladas em torres com 80 a 100 metros de altura. Muitas destas torres são construídas por justaposição de três elementos tubulares de aço pré-fabricados em fábricas metalomecânicas e transportados por via rodoviária até ao local de construção, habitualmente em zonas de montanha de acessos difíceis. A montagem no local é feita por aparafusamento dos troços tronco-cónicos com cerca de 20 a 30 metros de comprimento e diâmetros que variam entre 3.0 e 4.3 metros. É a necessidade de transporte dos elementos tubulares que limita, hoje em dia, a altura das torres eólicas metálicas, dado que já se atingiram as dimensões máximas possíveis para transporte rodoviário. O aumento da altura e da resistência destas torres, relacionado com o necessário aumento do comprimento das pás que permitirá no futuro a comercialização de turbinas com potência superior a 5 MW montadas em torres com mais de 120 metros de altura, requer novos conceitos de construção e montagem que continuem a permitir realizar as tarefas mais delicadas em fábrica e o transporte rodoviário até ao local de montagem. O desenvolvimento de soluções tecnológicas para o aumento de resistência das torres metálicas passa, em larga medida, pelo uso de aços de muito alta resistência e pela necessária adaptação e desenvolvimento de soluções para a ligação dos elementos da torre no local de construção. Estes têm sido os principais objectivos da investigação que neste domínio tem sido promovida por investigadores da FCTUC através da colaboração internacional com colegas de outras três universidades: Luleå na Suécia, Aachen na Alemanha e Tessalónica na Grécia, bem como com uma empresa nacional produtora e construtora de torres, a Repower Portugal, e com outras duas empresas europeias, a Rautaruukki, produtora de aço finlandesa e a GL Wind empresa alemã seguradora e certificadora de torres eólicas. Embora tirando partido do profundo conhecimento acumulado relativo ao funcionamento estrutural

das soluções correntemente utilizadas nas torres tubulares metálicas, o desenvolvimento de novas soluções estruturais passa pela substituição do tipo de ligação usada actualmente. Estas ligações dos troços tubulares da torre recorrem a anéis rígidos soldados nas extremidades do tubo, o que limita, por exemplo, a utilização de aços de muito alta resistência. Assim, no âmbito dos projectos HISTWIN em curso financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo Fundo Europeu de Investigação em Aço e Carvão (RFCS) coube aos parceiros portugueses, entre outras tarefas, a execução de testes laboratoriais de fadiga de partes representativas de novas ligações aparafusadas pré-esforçadas e a construção de um protótipo à escala para testar a eficácia da montagem usando o sistema de ligação proposto bem como a instrumentação e monitorização de uma torre eólica erigida em Marvila, perto de Fátima.

Em face dos resultados promissores dos projectos em curso perspectiva-se a continuação da investigação que inclui o desenvolvimento e adaptação às tecnologias construtivas do sistema de ligação proposto, o qual deverá permitir a montagem de torres com maiores diâmetros. Perspectivam-se também estudos de novos sistemas de fundação bem como a construção de uma torre experimental para serem desenvolvidos os novos conceitos numa perspectiva de aplicação industrial em larga escala.

* ISISE, DEC-FCTUC

Referências:

- Erich Hau, Wind Turbines – Fundamentals, Technologies, Application, Economics, Springer, Berlin, 2006
- Rebelo, C. e Simões da Silva L. Inovações Recentes na Concepção e Construção de Torres Eólicas Metálicas, palestra convidada no Power Future 2009, 29 de Junho a 1 de Julho, Fortaleza, Brasil, 2009



2307 km com um litro de gasolina

Pedro de Figueiredo Vieira Carvalheira *

A Equipa Eco Veículo participou recentemente na Shell Eco-marathon Youth Challenge UK 2009, uma prova internacional em que se desafiam os jovens a conceber e construir veículos de elevada eficiência energética, organizada anualmente pela Shell Global Solutions UK, no Rockingham Motor Speedway.

Participaram nesta prova cerca de 50 equipas provenientes de universidades, escolas técnicas e escolas secundárias do Reino Unido, França, Portugal, Itália, Índia, Suíça e Finlândia, tendo a equipa da FCTUC vencido a prova com um desempenho equivalente a 2307 km com um litro de gasolina sem chumbo 95.

Neste artigo iremos explicar de forma simplificada como isso foi possível e que trabalho foi realizado para o conseguir.

Quando um veículo automóvel se desloca numa estrada consome energia. Para que o veículo automóvel se mantenha em movimento a energia dispendida tem de ser repostada. A reposição de energia é feita pelo conjunto motor-sistema de transmissão. Para que o veículo conseguisse percorrer uma distância elevada com o mínimo de consumo de combustível o trabalho de concepção, construção e teste do Eco Veículo XC20i teve como objectivos básicos minimizar o consumo de energia do veículo ao deslocar-se e maximizar o rendimento de conversão da energia química do combustível em energia mecânica do conjunto motor-sistema de transmissão nas condições da prova. Uma vez que o veículo se desloca em prova num

circuito fechado e num campo de forças conservativas, o campo gravítico da terra, o trabalho total das forças conservativas ao efectuar o circuito fechado é nulo. Por isso a energia dispendida pelo veículo ao deslocar-se que tem de ser repostada corresponde somente ao trabalho realizado pelas forças não conservativas. Estas forças não conservativas são a força de atrito de rolamento quando o veículo se desloca **sem** forças transversais ao deslocamento, e são a força de atrito de rolamento quando o veículo se desloca **com** forças transversais ao deslocamento e, ainda, a força de arrasto aerodinâmico. Para minimizar a força de atrito de rolamento quando o veículo se desloca sem forças transversais ao deslocamento é necessário minimizar a massa do veículo e o coeficiente de rolamento. Para minimizar a massa do veículo teve que se minimizar a massa de cada componente que o constitui. Para minimizar a massa de cada componente temos de conhecer as suas solicitações, estabelecer as deformações e as tensões admissíveis para o material em que é feito o componente. A optimização da forma de cada peça para cumprir a sua função é feita utilizando programas de computador de análise estrutural por elementos finitos (FEA) de forma a que o componente satisfaça todos os requisitos funcionais e tenha a mínima massa.

Quando concebemos um componente temos que assegurar que poderemos reunir as condições para que o mesmo possa ser construído de acordo com o

projecto quer em termos dos materiais seleccionados quer em termos dos processos de fabrico. Para minimizar o coeficiente de rolamento temos de utilizar os pneus Michelin Radial 45/75 R16 especialmente desenvolvidos para os veículos participantes nesta competição por possuírem um coeficiente de rolamento extremamente baixo. Tivemos de desenvolver métodos para medir experimentalmente o coeficiente de rolamento dos pneus, C_r , e medir experimentalmente quais as variáveis que mais influência têm neste coeficiente. Estas variáveis são a pressão dos pneus e a temperatura da pista. Para minimizar a força de atrito de rolamento quando o veículo se desloca com forças transversais ao deslocamento tem que se minimizar a força transversal ao deslocamento que é proporcional à massa do veículo e inversamente proporcional ao coeficiente de rigidez do pneu a curvar, C_α . Para maximizar C_α , tivemos que desenvolver um método para o medir experimentalmente. Para minimizar a força de arrasto aerodinâmico é preciso minimizar uma área de referência do veículo e o coeficiente de arrasto aerodinâmico baseado nessa área, C_x , que é um coeficiente que depende da forma do veículo. A área de referência escolhida para o Eco Veículo é a área frontal, A_p , que é a área projectada da forma da carroçaria sobre uma superfície vertical perpendicular ao plano de simetria do mesmo. Para minimizar o

coeficiente de forma foram efectuadas simulações do escoamento em torno do veículo utilizando um programa de mecânica de fluidos computacional (CFD). Partindo de uma forma básica desenhada num programa de desenho assistido por computador a 3 dimensões (CAD-3D) foram estudados de forma sistemática cerca de quinze parâmetros geométricos da forma do carro e optimizado o seu valor. A forma seleccionada para construir foi a que deu um valor mínimo do produto $C_x A_p$. Para se obter um conjunto motor-sistema de transmissão de elevado rendimento energético tivemos que projectar, construir e testar um motor com baixo consumo específico de combustível ao freio, $bsfc$, especialmente desenvolvido para propulsionar o veículo na prova, uma vez que os motores existentes no mercado não têm um rendimento energético tão elevado no intervalo de velocidade e binário de operação de interesse. O motor do veículo foi desenvolvido no âmbito do projecto POCI/TRA/61209/2004 financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O sistema de transmissão também foi projectado e construído de raiz. A análise do seu comportamento dinâmico foi objecto de um estudo cuidadoso de forma a ter um elevado rendimento energético, η_p , em todas as situações de utilização previstas no veículo em prova.

* Professor da FCTUC.



Características do Eco Veículo XC20i

Modelo	Eco Veículo XC20i - 2009
Massa do Veículo /kg	39,0
Massa do Piloto /kg	41,8
Massa Total /kg	80,8
Área Frontal /m ²	0,260
C_x a 30 km/h	0,119
Pneumáticos	Michelin Radial 45/75 R16
C_r a 5,7 bar e 20 °C	0,0011
C_α (N/rad)	9300
Motor	Eco Veículo M3165
Combustível	Gasolina s/ Chumbo 95
bsfc médio /(g/kW.h)	298
Desempenho /(km/L)	2307 (Rockingham, RU)



Porque os detalhes também importam

Mário Silveirinha

Que tipo de conversa pode haver entre um elefante e uma pulga? Dificilmente alguma concordará o leitor, tendo certamente em conta a diferença de escala entre as duas criaturas. É este problema de dimensão com que nos deparamos se pretendermos concentrar um feixe de luz num objecto minúsculo, com dimensões características muito inferiores ao comprimento de onda da luz. No caso da radiação visível, isto é, para a pequena parte do espectro electromagnético que é processada pela visão humana, o comprimento de onda varia de 0.65 μm para a luz vermelha até cerca de 0.40 μm para a luz violeta, onde 1 μm (micrometro) corresponde a uma distância aproximadamente 60 vezes mais pequena que a espessura de um cabelo humano. As oscilações características do campo electromagnético são determinadas pelo comprimento de onda, e por isso ocorrem numa escala espacial muito maior que a extensão do objecto em questão, impedindo que possamos interagir de forma selectiva com ele, ou mesmo diferenciar dois pequenos objectos vizinhos. A interacção entre a luz e o objecto minúsculo é como um diálogo entre dois mundos diferentes, entre um elefante e uma pulga.

Esta limitação fundamental da radiação electromagnética impede-nos de fazer muitas coisas interessantes. Por exemplo, a capacidade de armazenamento de um CD ou de um DVD é determinada pela largura do feixe de laser usado na leitura ou escrita do meio de suporte, a qual é determinada pelo comprimento de onda da luz. Se existisse a possibilidade de con-

centrar a luz num volume muito mais pequeno do que aquele que conseguimos actualmente poder-se-iam fazer DVDs com muito maior densidade de dados. Da mesma forma, o pormenor mais pequeno que é possível perceber num dado objecto ou imagem é determinado pelo comprimento de onda da luz. Os detalhes ínfimos do objecto, separados por uma distância inferior ao comprimento de onda, originam flutuações espaciais muito rápidas do campo electromagnético, que só são possíveis perceber na vizinhança imediata do objecto. Se pudessemos de alguma forma aceder e amplificar este campo próximo seria possível melhorar de forma drástica a resolução de sistemas de visualização e diagnóstico médico. No entanto, diante destas e de outras aplicações prometedoras está um obstáculo que parece intransponível: a difracção da luz. Ou pelo menos assim se acreditava até há poucos anos atrás.

No início desta década foi proposto um novo tipo de material, designado por meta-material (Meta é um prefixo com origem grega, que significa “para além”). Estes materiais compósitos são caracterizados pelo facto das suas propriedades eléctricas e magnéticas – que determinam a forma como interagem com a luz – dependerem apenas em parte da composição química dos seus constituintes. Na realidade, dependem sobretudo da forma como são microestruturados, mais especificamente do tamanho e geometria das suas microestruturas. O que é extraordinário nos metamateriais é que eles oferecem possibilida-

des para manipular e controlar a luz que não estão ao alcance dos materiais convencionais directamente disponíveis na natureza. Uma dessas possibilidades que cedo suscitaram muito interesse na comunidade científica foi a realização de sistemas de visualização com super-resolução, especificamente com resolução não limitada pelo comprimento de onda da luz. O mecanismo que torna isto possível é baseado na excitação ressonante das microestruturas que compõem o metamaterial e que permitem efectivamente



restaurar o campo próximo (isto é a distribuição espacial do campo electromagnético na vizinhança imediata do objecto) a distâncias significativas. Perspectiva-se que este tipo de tecnologia possa, por exemplo, contribuir para a melhoria de resolução de alguns sistemas de diagnóstico médico, nomeadamente através do aumento da sensibilidade dos sensores de rádio-frequência usados em imagiologia por ressonância magnética, ou para o desenvolvimento de sistemas de identificação por rádio-frequência com melhor definição. Neste contexto, uma equipa de investigado-

res da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra – Instituto de Telecomunicações iniciou em 2007, no âmbito de um projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, um estudo científico que, genericamente, passa por desenvolver sistemas de visualização com super-resolução, permitindo aumentar claramente a definição de imagens de um dado objecto em análise e, conseqüentemente, facilitar um diagnóstico mais claro.

Este estudo conduziu à proposta de um novo material micro-estruturado, formado por um agregado ultra-denso de filamentos metálicos, que permite recuperar os pequenos detalhes de uma imagem que normalmente não conseguem ser processados por sistemas convencionais.

O potencial desta solução original foi recentemente demonstrado experimentalmente, tendo para o efeito sido realizado, em colaboração com um grupo de investigação do Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, um protótipo do metamaterial projectado para operar nas micro-ondas. As microondas correspondem à radiação electromagnética usada por exemplo para comunicação entre telemóveis.

A equipa de investigadores demonstrou que na presença da lente metamaterial os detalhes mínimos que eram possíveis perceber numa dada imagem correspondiam a uma resolução duas a três vezes melhor que aquela correspondente ao caso em que a lente metamaterial era removida! Esta melhoria de desempenho é tanto mais notável, quando se tem em conta que a distância de propagação da luz no ar é mantida invariante nos dois cenários, de forma a que quando a lente metamaterial está presente a distância entre o objecto e o sensor é cerca de duas vezes maior do que quando a lente é removida, proporcionando ainda assim um aumento de resolução muito significativo. Estes resultados abrem boas perspectivas à aplicação desta nova tecnologia em sistemas de visualização de imagem, e confirmam que para um metamaterial muito etalhe nunca é demais.



Ao Largo

ENTREVISTA
RETRATO DE CORPO INTEIRO
CRIAÇÃO LITERÁRIA
LUGAR DOS LIVROS

“A poesia diz-se, não diz coisas”

Por Martha Mendes

Recebe-nos no seu gabinete, na Faculdade de Letras. Uma sala pequena, envelhecida, com muitos livros, muitos papéis - talvez por isso um espaço tão acolhedor. O cabelo que lhe emoldura o rosto está impecavelmente penteado. A blusa de linho, branca, bordada, acentua-lhe o ar distinto, o porte de gestos delicados. Firme no discurso de defesa das mulheres e na importância de recuperar uma certa humanidade perdida, Irene Ramalho confessa-se, enquanto os cantos dos seus lábios se erguem para nos oferecer um sorriso largo, afável, verdadeiro: a sua palavra preferida é “poesia”, para os filhos não deseja nada mais do que a felicidade, prefere Saramago a Lobo Antunes e assume-se uma mulher “sempre em realização”. Lamenta o centralismo de Lisboa que não deixa que se perceba que Coimbra é pioneira em muitas coisas; e que a revolução de Abril não tenha dado à luz o Portugal com que a fez sonhar. De brincos de pérola, como a famosa menina do quadro de Vermeer, a professora lembra que é preciso o Belo e o Feio para chegar ao Sublime. “Ser poeta é um ofício” mas os poetas “são pessoas normais”, garante Maria Irene Ramalho que defende que “é a língua que nos fala”.

Como é que lhe surge o interesse pela literatura norte-americana?

A literatura norte-americana não era uma cadeira do currículo das “Filologias”, só entrou no currículo com a reforma de 57. E não havia ninguém qualificado em Portugal para leccionar esta matéria. Vinham uns professores americanos visitantes através do programa Fulbright. Tínhamos aqui todos os anos, pelo menos seis meses, um professor Fulbright. O meu mestre, o Doutor Paulo Quintela, era um grande germanista e anglista, mas americanista, não. Aliás, ele tinha o maior desprezo pelas coisas americanas, exceptuando alguma literatura e alguma teoria literária que ele respeitava muito. Por isso, ele, que era o chefe, não só não gostava de lidar com os americanos que vinham cá como queria mesmo ter alguém especializado aqui na casa para tratar dessa matéria e não estar dependente dos professores visitantes. Alguns Fulbrighters eram muito bons, outros nem por isso, e havia aquele preconceito anti-americano muito europeu, como sabemos. Então Quintela decidiu mandar-me para os EUA fazer um doutoramento. Foi assim que aconteceu. O meu interesse é pela literatura em geral. O Ezra Pound uma vez perguntou à directora de uma revista americana: “Você interessa-se por poesia ou por poesia americana?”. Ela interessava-se por poesia americana. Mas Pound não: interessava-se por poesia em geral. E eu também.

Foi fácil adaptar-se ao *American life-style*?

(Sorriso e silêncio) Há muitos *American life-styles*. Eu vivi em New Haven durante os meus anos nos EUA e conheci muito bem aquela zona. Dava-me muito bem com pessoas que eram emigrantes portugueses ou americanos descendentes de famílias portuguesas que já lá estavam há muito tempo. Sabe que os portugueses foram dos primeiros a chegar aos Estados Unidos? Os judeus quando foram expulsos daqui – judeus portugueses da Diáspora – foram em grande quantidade para a Holanda e logo em seguida para a zona da Nova Inglaterra. Não foi nada difícil adaptar-me. Apesar de haver uma comunidade constituída à minha chegada. Bem sabe que as universidades, principalmente as de elite, como é o caso de Yale, Harvard, Princeton ou Brown, são oásis na sociedade americana. Estamos a falar de há quantos anos? De há trinta e muitos! Eu vivi as revoltas dos negros americanos nos Estados Unidos. Estava lá quando foi assassinado o Martin Luther King. Estava lá quando foi assassinado o Robert Kennedy. Penso que ainda lá estava quando foi assassinado o Malcolm X. E também estava em New Haven quando foram os julgamentos dos Black Panthers. Foi um período de muita turbulência.

Teve uma passagem pelo King's College de Londres, também já foi professora na Universidade de Macau (Curso de Férias sobre Língua e Cultura Portuguesas). Com tantas andanças pelo mundo, como é que o mundo vê a literatura portuguesa? Com muito interesse, muita curiosidade! É pena que não haja mais e melhores traduções. Era algo em que se devia investir a sério. Paulo Quintela era um grande tradutor, traduzia do Alemão, do Inglês e de outras línguas, mas sobretudo dessas. Traduzia excelentemente e dedicou toda a sua vida a essa tarefa, por vezes tendo sido criticado por isso. Diziam por aí que ele não tinha uma obra científica porque não escrevia livros, fazia apenas traduções e depois escrevia pequenas introduções para as traduções. Eu acho que ele fez um trabalho notável, pelo qual tenho um enorme respeito e admiração. Traduzir é muito difícil. Eu também já traduzi, ainda traduzo, e sei que é muito difícil. O interesse pela literatura portuguesa no estrangeiro é muito grande. E desde que o Saramago ganhou o Nobel, mais ainda.

E a nível da poesia, como estamos?

A poesia sempre foi algo que, de alguma forma, nos corre nas veias. Várias pessoas fizeram comentários sobre o facto de sermos um país de poetas. Acho que estamos bem representados. A Graça Capinha está a dirigir um projecto no Centro de Estudos Sociais (CES) - onde ambas somos investigadoras - sobre poesia. Ela chama-lhe Poéticas de Resistência. Esse projecto obriga-a a ir pelo país ver o que é que se publica que nunca chega ao Expresso nem ao Público. E ela diz que se faz imensa coisa muitíssimo boa que não chega aos meios de comunicação. Há toda uma obra que fica completamente ignorada. Não tenho dúvidas: a literatura portuguesa está mesmo muito bem e recomenda-se.

Quem são os seus autores preferidos?

O Saramago é um deles. A Lídia Jorge também. Maria Velho da Costa. Ana Luísa Amaral. Gosto muito do António Ramos Rosa e escrevi muito sobre ele. Mas o poeta vivo que mais admiro é o Alberto Pimenta. Muitas pessoas nem sequer ouviram falar dele. Ninguém fala muito nele

“Vivi as revoltas dos negros americanos nos Estados Unidos. Estava lá quando foi assassinado o Martin Luther King. Estava lá quando foi assassinado o Robert Kennedy. Penso que ainda lá estava quando foi assassinado o Malcolm X. E também estava em New Haven quando foram os julgamentos dos Black Panthers. Foi um período de muita turbulência”

porque ele é muito rebarbativo, mas é um grande poeta, que percebe que não se pode fazer igual ao que já foi feito. Depois há outros... A Fiamma, Sophia, Eugénio de Andrade. O Herberto Helder é outro grande poeta. Mas quando estes poetas começaram a publicar a sua “obra toda” ou “obra completa” o Alberto Pimenta publica um livro que intitula “Obra Quase Incompleta”. “Obra Quase Incompleta”! E essa obra é notável porque ele é capaz de publicar um poema a que, passados uns anos, caíem letras e fica com outro aspecto. É quase explicitamente uma reflexão sobre o problema da língua. Porque a língua é que é complicada. A língua fala-nos, não somos nós que falamos a língua. Eu tenho consciência de que a língua me está a falar neste momento, não sou eu que a falo.

Mas comanda-a.

Só até certo ponto.

O poeta é um fingidor?

Dizia o Pessoa, sim. No sentido do fingir, do fazer-de-conta da ficção - porque ficção e fingir são palavras cognatas — é verdade. Mas também temos de rever a questão da autenticidade. O que Fernando Pessoa põe nesse poema é a questão da autenticidade: O fingimento é que é a verdadeira autenticidade. É o que diz verdadeiramente o mundo. Porque essa poesia de subjectividade de dizer o “eu” não é o mais importante. Aliás, Nietzsche dizia exactamente a mesma coisa: o que interessa é dizer o mundo, não o “eu”.

O poético também é político?

Sem dúvida. Tudo é. E mesmo aquele poeta que se diz apolítico tem a política do apoliticismo. Não há como escapar à nossa condição de seres políticos.

A professora termina o seu Ph. D. em 73. Depois regressa a Portugal. Estava no país no 25 de Abril?

Estava e lembro-me muito bem do dia. Não tinha televisão, o que foi um desastre. Fui a correr para casa dos meus pais para ver o que se estava a passar... E foi um deslumbramento. Uma maravilha.

Foi uma grande data, até para a produção artística/literária, até então aprisionada pela censura?

Isso já não acho que seja lá muito verdade. Muitos criadores diziam que tinham muitas coisas na gaveta que não podiam publicar por causa da censura, mas depois do 25 de Abril não apareceu assim muita coisa saída dessas gavetas. Até porque as pessoas andavam tão ocupadas com o deslumbramento e a acção toda da Revolução que certamente não tinham grande disponibilidade para a criação. Escrever é difícil. Muito difícil. Ser poeta é um ofício. E portanto é preciso concentração, dedicação, esforço. Ocasões como a Revolução de Abril podem não ser muito propícias. Depois, mais tarde, sim, aparece muita coisa e coisas muito interessantes.

Mas a escrita foi uma arma de Abril.

Sem dúvida. Mas aquela que conseguiu contornar a censura, não aquela que ficou na gaveta.

“O fingimento é que
é a verdadeira
autenticidade.
É o que diz
verdadeiramente
o mundo”

Olhando para o Portugal de hoje acha que temos o país pelo qual Abril lutou?

Não, não acho.

O que é falta?

Falta mais justiça social. Falta... Eu até diria democracia. E há corrupção a mais. O 25 de Abril trouxe a democracia, sem dúvida; prometeu maior justiça social; e conseguiu algumas coisas, não vou dizer que não. Claro que sim. Agora, aquilo que muitos de nós pensávamos que ia ser o Portugal depois de Abril não se concretizou, pelo menos não na sua plenitude. Basta ver que Maria de Lurdes Pintasilgo esteve só cem dias no Governo. Porquê? Ela estava a fazer coisas muito importantes. E quando morreu não teve um funeral de Estado. Porquê? Bem, aqui entramos nos feminismos. Mas a resposta é clara: Porque era mulher. Alguém lê Maria de Lurdes Pintasilgo hoje? Ela tem uma obra notável sobre como organizar uma sociedade, como lutar contra os problemas que nos afectam. Mas foi posta na prateleira. E quando foi candidata à presidência da República nem as mulheres votaram nela. Teve uma percentagem mínima de votos quando nas sondagens tudo levava a crer que ia ter uma grande votação. Eu lembro-me de ouvir muita gente comentar, “não pode ser... Ela para ser Presidente da República ia ser Chefe de Estado Maior das Forças Armadas. Uma mulher nesse papel? Não pode ser...”. E imagino que há muita gente que ainda acredita que para isso é mesmo preciso a força de um homem (sorriso).

As mulheres ainda precisam que lutem por elas?

Elas é que precisam de lutar por elas. E cada vez mais creio que as mulheres estão a assumir essa luta de se afirmarem, de serem reconhecidas, de avançarem para posições de poder. As mulheres ainda têm muitos e bons motivos para lutar. É preciso entendermos a nossa sociedade, a nossa cultura, as teorias pelas quais nos regemos. Veja-se a crise do sujeito. Eu lembro-me de uma teórica feminista muito importante, chamada Rosi Braidotti, que demonstra como a crise é realmente do sujeito masculino. Começa um dos seus livros citando um *grafitto* dos anos 80: “Deus morreu. O sujeito morreu. E eu também não me sinto muito bem”. O Woody Allen também repete muito esta frase jocosa. A crise do sujeito resulta no descalabro da possibilidade de se pensar os seres humanos e a própria humanidade. É preciso continuar a lutar pelos direitos das mulheres, tal como é preciso continuar a lutar pelos direitos dos negros e das minorias. Em qualquer parte do mundo. Porque ainda há muito racismo e discriminação, por todo o lado.

As mulheres escrevem de forma diferente dos homens?

Já escrevi sobre isso. Desde que há consciência da escrita e do corpo que há produção escrita por mulheres que deliberadamente assumem que escrevem de forma diferente. Eu acho que não, acho que a arte e a literatura não são coisas naturais. Não há nada mais artificial que a poesia, nada mais artificial que a literatura, e portanto não é natural que se notem diferenças de uma escrita para a outra. A Irene Lisboa, uma grande poeta do modernismo português, dizia que distinguir a arte masculina da arte feminina é muito difícil. E é.

“Falta mais
justiça social.
Falta... Eu até diria
democracia.
E há corrupção
a mais”

Como é que são hoje os alunos que chegam à licenciatura de Estudos Ingleses e Norte-Americanos?

Há uma minoria que procura aquilo que nós podemos dar – estudos de literatura, cultura, história de culturas de Língua Inglesa; reflexão e questionamento sobre o mundo através dessa matéria. É uma minoria, contudo, e estes são sempre bons alunos. Alguns, muito bons. A maior parte suspeito que vem para aqui porque não consegue entrar em mais lado nenhum. Vêm para Letras porque Letras – costumava dizer-se – “são tretas”. Depois acontece também que muita gente vem mas não queria muito vir, não sabia bem ao que vinha. Muitos vêm para aqui porque querem ser professores. Outro erro: esta ideia de que cursos de Letras só servem para dar aulas. Um curso de Letras como nós aqui o temos é muito enriquecedor e tem muitas aplicações.

Também há aqueles que vêm para este curso porque querem ser escritores?

Há. Mas isso é graças à Graça Capinha. A Graça Capinha iniciou aqui em Coimbra há 15 ou 16 anos o primeiro curso de escrita criativa de Portugal. Depois apareceram muitos outros mas ela foi a primeira. Ninguém fala disso porque Coimbra é província... Ela começou com esse curso livre de Escrita Criativa que hoje tem já um grupo enorme de discípulos que também fazem eles próprios trabalhos. Aliás, ela própria é poeta. Com a acção da Graça Capinha houve muita gente que se começou a interessar. Quando ela criou o curso de escrita criativa houve uma enchente de inscrições. Muita gente o foi frequentar.

Para que é que serve a literatura e a poesia?

Para nada. (Silêncio) Para aprendermos a interrogar. Mas a poesia não diz nada. A poesia diz-se, não diz coisas. Diz-se. O mais importante da poesia e da arte em geral é, justamente, a gratuidade. O gratuito é que faz de nós humanos. Aquilo que não é contabilizável, que não é objecto de imposto. Como diz o Álvaro de Campos: “Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?” [não me lembro agora bem do resto, mas a ideia é esta] queriam-me um homem normal? Não! Eu sou poeta!”. Mas os poetas são pessoas como as outras (sorriso).

São? Há aquela ideia de que são pessoas especiais...

Não. Isso é um conceito romântico e elitista que se mantém. É a ideia do génio. Mas porquê os poetas? Em qualquer outra área de actividade encontramos seres excepcionais. Não quer dizer que não existam poetas excepcionais. Mas a maior parte deles não o é. Como em tudo.

O ano passado foi galardoada nos EUA com o Prémio Mary C. Turpie atribuído pela mais importante associação de estudos americanos (American Studies Association - ASA). Foi a primeira vez que o prémio foi atribuído a alguém de fora do país. É um galardão importante...

Sem dúvida. Foi um prémio dedicado à minha carreira de professora, de orientadora, de divulgadora de *American Studies*. É uma satisfação muito grande receber reconhecimento como americanista da maior associação de estudos americanos do mundo. Desde que fui estudar para o estrangeiro sou membro da associação e tenho trabalhado muito para ela. Fui várias

“O mais importante da poesia e da arte em geral é, justamente, a gratuidade. O gratuito é que faz de nós humanos”

vezes membro do júri para atribuição do Wise - Susman Prize, que é concedido pela ASA ao melhor trabalho apresentado ao seu congresso anual por qualquer aluno de doutoramento. Fui a primeira representante estrangeira no Women's Committee. E cheguei a ser a directora desse conselho preocupado com a situação das americanistas no mundo. As pessoas são nomeadas para este prémio. Há um grupo de colegas que se reúnem e pensam para quem vai ser o prémio naquele ano. E o ano passado alguém teve a ideia de que devia ser para mim. Talvez fosse altura de dar o prémio a uma pessoa de fora dos EUA e eles acharam que eu era uma boa candidata. E lá convenceram o povo disso (sorriso).

É uma mulher realizada?

Sempre a realizar. Sempre em realização.

O que é que ainda lhe falta fazer?

Morrer. Mas lá chegará (sorriso)...

Oswaldo Manuel Silvestre classificou, num texto de crítica aos Prémios Jabutí, o seu livro "Poetas do Atlântico" como "um dos mais importantes contributos para os estudos pessoanos nos últimos anos". Quer comentar?

Eu conheço esse texto porque o Oswaldo teve a gentileza de mo enviar. Tenho o maior respeito e a maior admiração pelo Oswaldo Manuel Silvestre. E já tinha antes de ele ter escrito esse texto (risos). É um homem muito inteligente, muito sabedor, muito rigoroso, honesto e sério no seu trabalho intelectual. Gosto imenso dele. E claro que fiquei muito satisfeita quando vi que ele tinha escrito isso. Ele escreveu-o porque eu era uma das candidatas ao Prémio Jabutí no Brasil e não ganhei. Escusado será dizer que acho que devia ter ganho eu, não é? (sorriso). E o Oswaldo se calhar também acha. Mas não ganhei. Aliás, este prémio não é concedido a estrangeiros com muita frequência. É raríssimo.

O prémio Mary C. Turpie também não era...

Pois não. Até à data não era não... Pode ser que ainda venha a calhar (risos).

Outra das actividades em que coloca muito do seu empenhamento são os Encontros Internacionais de Poetas. Têm vindo a dar bons frutos?

Acho que sim. Estou desde o início na organização desses encontros. Foi em 92 a primeira edição, no ano em que se comemorava o centenário de Walt Whitman. Nesse ano havia congressos e colóquios por todo o lado e eu fui convidada para alguns deles. Mas achei sempre que aquilo era tudo um bocadinho maçudo. A Graça Capinha estava sempre a dizer que tínhamos de fazer alguma coisa em Coimbra também, que era uma vergonha se não fizessemos. Eu concordava, mas não queria outro colóquio. Mais um! Era muito *boring*... E se fizessemos um festival de poesia em honra do poeta? E foi assim que nasceu a ideia, logo abraçada pelos nossos colegas do Grupo de Estudos Anglo-Americanos. Esse festival era para ter apenas uma edição. Deu-nos um trabalho louco. Mas lá o fizemos, já com poetas de todo o mundo mas tam-



bém com muitos poetas portugueses consagrados que nunca tinham lido poesia em público. O Ramos Rosa, a Yvette Centeno, a Fiana, o Alberto Pimenta. Este é um caso diferente porque também é *performer* mas também veio e fez aí coisas incríveis. A Yvette Centeno no fim mandou-me um ramo de flores a casa, que trazia um pequeno ninho de pássaros com ovinhos, acompanhado de um cartãozinho onde se lia que aqueles eram os ovinhos que haveriam de chocar os próximos encontros de poetas. E nós não resistimos. Depois vieram os encontros de poetas em Lisboa e no Porto. E a partir daí foi uma explosão de leituras de poesia. Somos bastante pioneiros aqui em Coimbra, mas como continuamos na província ninguém nos liga muito.

Porque é que acha que isso acontece?

Porque o mundo é mesmo assim: está tudo virado para o seu umbigo. Por exemplo, falou do meu livro. O Osvaldo teve a gentileza de escrever sobre ele. A Ana Luísa Amaral, que me admira muito e é muito minha amiga, escreveu uma recensão muitíssimo boa que conseguiu – porque é ela – publicar no Público. Mas mais ninguém falou do livro. O Osvaldo refere-se a ele como um dos contributos mais importantes para os estudos pessoanos, mas alguma vez viu alguma referência a ele?

É difícil vingar fora de Lisboa?

Só porque os jornais não nos ligam muito. O colóquio de estudos americanos que nós tivemos aqui intitulado “America where?”, um colóquio internacional, com especialistas americanos muitos bons, de topo; ex-presidentes da ASA – uma delas acaba de ser eleita presidente da associação. Da Irlanda, da Holanda, de Espanha, Inglaterra, Alemanha. Um naipe de especialistas dos melhores que há. Quem não veio, vergonhosamente, foram os nossos colegas americanistas de Lisboa e do Porto. Mas quem é que falou do colóquio? Por acaso, o António Guerreiro publicou o programa na Actual. Depois telefonou-me a dizer que não podia vir cobrir o colóquio porque o jornal não lhe dava espaço nenhum para este tema. Se fosse em Lisboa, se calhar as coisas seriam diferentes.

Os encontros internacionais são uma iniciativa que já conta 15 anos.

É para continuar?

Já estamos a trabalhar no próximo. Sempre no fim de Maio porque nós queremos que os alunos estejam e que tenham disponibilidade para participar, coisa que não acontecerá se eles estiverem completamente embrenhados nos exames.

Sobre esta iniciativa escreveu num prefácio que “teimosamente insistimos em ser humanos e em convidar todos a assumir plenamente a sua humanidade. Enquanto o mundo à nossa volta se desmorona (...) por desrespeito brutal da beleza e espanto de existir, nós reunimos poetas, coerentes com a nossa vocação de humanistas e professores (...) Pessoas diferentes que, porém, têm algo em comum: o respeito pela palavra ‘cognata’”. É pelo facto de os sinos dobrarem por todos nós – como escreveu Hemingway – que nos identificamos, também,

com o que os outros povos escrevem? Porque não podemos fugir ao facto de sermos todos parte da humanidade?

É isso mesmo. E infelizmente querem fazer-nos esquecer disso muitas vezes. Parece que somos parte de um grupo aqui, de outro grupo ali, lutamos uns contra os outros e, claro, a palavra é poder. Mas o que está em causa na utilização da palavra é o respeito pela palavra. Uma palavra que reconheça humanidade em toda a gente e que não seja guiada por interesses que são muitas vezes prejudiciais aos outros. Esse prefácio corresponde a um encontro em que participou um poeta palestino. E a causa palestina é-me muito querida. Trata-se de um povo que está reprimido, subjogado, colonizado na sua própria terra. O poeta que nós tivemos cá não foi autorizado a ir buscar o seu visto a Jerusalém. Por sorte, tínhamos lá um embaixador extraordinário que foi pessoalmente buscar o visto. O poeta chegou a Portugal com um dia e meio de atraso porque não teve permissão para sair quando devia ter saído. É uma pessoa que não se pode movimentar na sua própria terra. Não tem liberdade.

A poesia tem um papel social?

Claro. Aliás, tudo é social. Precisamente porque não tem de estar investida em interesses, a poesia tem uma função social importantíssima.

Num mundo que, como diz, “se desmorona”, mais do que mentir a poesia deve falar a verdade?

(Silêncio) A verdadeira poesia – e o meu mestre Bloom dizia “strong”, ou seja, “forte” – a grande poesia, “forte”, não mente. Nunca mente. Finge, mas não mente. São coisas diferentes. Se quando fala em verdade me fala de poesia-panfleto, isso não! Poesia não é panfleto. Se é, deixa de ser poesia. Agora, a poesia tem muitas maneiras de dizer as coisas. O Robert Duncan, que era ferozmente contra a Guerra do Vietnam, escreveu vários poemas em que se posicionava contra a guerra, mas fê-lo de forma a que a verdade dele estivesse lá sem cair no panfletário.

Prefere poesia ou literatura?

Fernando Pessoa e Sá Carneiro faziam essa distinção e diziam que só os lepidópteros apreciavam a literatura, os outros preferiam poesia. A poesia é a arte suprema da linguagem. E, nesse sentido, acho que prefiro a poesia – sem a distinguir da literatura, nem da ficção, nem do drama.

52

A poesia é esquecimento ou memória?

As duas coisas. Há um poema de Hart Crane, outro dos meus poetas preferidos, que diz “I can remember much forgetfulness”. É muito bonito. Nós agora temos um projecto no CES, que esperamos que venha a ser aprovado, sobre o silêncio e os silenciamentos. A minha parte vai ser justamente sobre a poesia e os silêncios e os silenciamentos da poesia. E os esquecimentos, porque o esquecimento também é um silêncio.

O belo ou o feio?

As duas coisas. Aliás, uma não existe sem a outra. É o chamado sublime.

Gosta mais de Saramago ou de Lobo Antunes?

Saramago.

Alberto Caeiro, Ricardo Reis ou Álvaro de Campos?

Fernando Pessoa.

Qual é a sua palavra preferida?

A minha palavra preferida? (Silêncio) Que linda pergunta! É “poesia”.

Diga-me o título de um livro que a fez feliz e de um livro que a fez chorar.

Há um livro que ainda está muito presente em mim. É um belíssimo romance. “Myra”, de Maria Velho da Costa. Fez-me chorar e também me fez feliz porque é uma bela obra.

A Língua Portuguesa é a Língua mais bonita do mundo?

Não.

Qual é?

Não sei...

Sol ou chuva?

Quero sol na eira e chuva no nabal.

8 ou 80?

(Silêncio) Oito.

Qual é o maior desejo que tem para os seus filhos?

A felicidade.



Filipa Pato

O lado divertido e inovador de fazer vinho

Andreia Silva

À partida, não existem quaisquer pontos de ligação entre o restaurante catalão El Bulli, considerado um dos melhores do mundo, e o vinho molecular FLP, de Filipa Pato. Mas foi precisamente ao El Bulli que a enóloga da região da Bairrada foi buscar a inspiração para a sua criação. “Inicialmente o vinho chamava-se apenas FLP, mas as pessoas confundiam-no com ice wine. Então dei-lhe a designação de vinho molecular”. Por ter sabores intensos, mas em miniatura, em que muitos pratos conjugam a acidez com o açúcar, a cozinha molecular é algo que, segundo Filipa, “combina bem com o vinho FLP, já que este também apresenta um contraste de sabores, sendo doce e ácido ao mesmo tempo”. O vinho molecular FLP foi produzido segundo o processo da crioextração e é, para a enóloga, a sua maior criação, por ser “diferente e inovador, já que foi feito com castas nacionais; no fundo serve para mostrar à Bairrada que podemos fazer coisas diferentes, sem a necessidade de plantar castas lá fora”. Esse aspecto faz com que os vinhos de Filipa Pato sejam reconhecidos nos restaurantes estrangeiros considerados topo de gama, de que são exemplo dois em Inglaterra e Holanda, com a categoria de três estrelas Michelin. Este último chegou mesmo a colocar o vinho molecular FLP servido com um menú próprio, prova do sucesso de Filipa Pato além fronteiras. O lado internacional do seu trabalho esteve desde

sempre em evidência. Licenciada em Engenharia Química pela Universidade de Coimbra, a escolha da profissão na área dos vinhos foi um passo natural, dado que os seus pais também são produtores de vinho na região. Contudo, Filipa quis começar um projecto independente. “A ideia era criar algo com uma identidade própria e, embora eu esteja um pouco envolvida no trabalho dos meus pais, as loucuras que crio, faço-as, sem os prejudicar”. Enquanto os pais partiram para o negócio já com vinhas de herança familiar, Filipa quis começar tudo de novo, tendo começado por alugar vinhas.

Após terminar a licenciatura, a enóloga realizou vários estágios em adegas internacionais. Como experiências marcantes Filipa Pato salienta o estágio realizado em Chateau Cantenac Brown, em França, bem como a colaboração com o grupo Leeuwin Estate, da Austrália, que faz o vinho branco mais caro do país e que revelou ser “um exemplo de enoturismo fantástico, que tem sido uma fonte de inspiração para o nosso trabalho”. Desde aí, não mais parou de viajar nem de fazer experiências. O facto de o seu marido ser belga deu uma maior dinamização à sua pesquisa pelo mundo. “Ele tem um restaurante em Antuérpia e também viaja para países como a França, Itália e Alemanha para conhecer o trabalho de outros produtores”. Os locais que visita são para si uma fonte de inspiração e revelam-se um meio importante para o reconhecimento internacional.

Mais de metade dos vinhos que Filipa Pato produz são vendidos no estrangeiro, por lhe ser mais fácil explicar o projecto lá fora onde tem uma maior identificação com o processo de comercialização do vinho. “Nos outros países o vinho português é adaptado ao consumidor e é isso que eu quero fazer: produtos com uma forte identidade e acessíveis a clientes estrangeiros”. Filipa revela que assim adquire uma visão de fora para dentro, o que lhe permite ter uma percepção diferente daquilo que quer fazer. “Em Portugal existe muita a tendência de fazer vinhos adaptados ao consumidor usando castas internacionais, mas eu acho que esse não é o caminho do futuro. Devemos apostar em castas autóctones e ter um carácter próprio”.

O carácter empreendedor e visionário que Filipa herdou do progenitor. “O meu pai desenvolveu o seu trabalho numa só casta durante mais de vinte anos e é reconhecido por esse facto.

Teve uma visão estratégica do que queria fazer”. Embora tenham projectos diferentes, o pai possui um papel importante na sua vida profissional. “Ele é o meu interruptor. Um dá a ideia e o outro desenvolve, e esse jogo entre os dois revela-se frutífero”. Com ele partilha também a noção de qualidade e o gosto por vinhos antigos, “que perdurem no tempo”. A Enóloga assume que o seu grande objectivo é fazer vinho de uma forma divertida, ao invés de apresentá-lo “como algo sério que acaba por não se aproxi-

mar do consumidor”. Foi por isso que criou em 2007 a empresa “Vinhos Doidos”, juntamente com o marido. “Bossa” e “Nova” serviram de nome para dois dos vinhos, que, tal como o nome indica, convidam a dançar. Para manter o divertimento e a inovação que a caracterizam, Filipa Pato pretende continuar a viajar, a explorar, a conhecer. Comprar uma vinha na Bairrada, juntamente com o marido, é para já o grande sonho que quer realizar.



História meia verídica, meia ficção

No Princípio eram as Velhas e os Gatos

Nuno Nóvoa

No princípio eram as “Velhas” e os gatos. Foi assim que nasceu a nossa República!!! Nem elas nem eles eram Universitários. As “Velhas” (forma abreviada de dizer “Senhoras idosas”, mas que não envolve menos respeito) eram três irmãs; os gatos eram um nunca acabar deles, e não tinham Bilhete de Identidade.

Para passar o tempo as “Velhas” zangavam-se, discutiam e tratavam dos gatos; estes gozavam à farta as comodidades que lhes dispensavam, e davam as suas voltas para fazer coisas que a moral não me permite que conte aqui.

Constatando que os gatos não precisavam de todos os quartos da casa, as “Velhas” resolveram alugar a Estudantes os que sobravam.

Um ano houve em que vivia ali um grupo fixe de jovens estudantes. Vários deles da terra mais linda de Portugal: a Póvoa de Varzim.

Cumpriam disciplina e resignadamente a sua sina de aturarem as “Velhas” e as mijinhas dos gatos. A inteligência não lhes dava para mais.

Mas... Um dia surgiu em que aquela comunidade estudantil se distraiu em deambulações “tascais” e não tardou que já a dez metros de distância o simples bafo de qualquer deles desse para rebentar um “balão”, se então existisse. Felizmente que naquela altura andar de automóvel só de boleia.

Para variar das tascas da Alta foram até ao Terreiro da Erva cumprimentar umas “Tias” que lá

moravam, comeram umas iscas no Julião e no Toné Ladrão mataram a sede originada por tão longa caminhada. O regresso é que foi pior. É que a Alta é mesmo lá no alto. E só então repararam quão fraco em arruamentos, era o Afonso Henriques, que fez tão estreito o Quebra-Costas: quando batiam numa parede e queriam rectificar um pouco o rumo, já estavam a bater na parede do lado oposto.

Como já acima disse, não primavam pela inteligência, mas sempre algum fósforo tinham naquelas cabezinhas. E de tanta fricção das cabeças nas paredes do Quebra-Costas, o fósforo incendiou-se: fez-se luz. E que espectáculo maravilhoso de ver quando desembocaram na praça da Sé Velha aqueles Precursores da AY-Ó-LINDA (salvo o devido respeito, Vós que me ledes também sois bastantes duros de entendimento por só agora perceberem que era deles que eu falava); não era auréola de Santos, mas luz de inteligência.

Instintivamente todos correram para as escadas da Sé. Um deles disse logo: “Ai que linda ideia me surgiu”; e todos iam dando ais de dor provocados pelos trambolhões que davam até assentar o respectivo traseiro nas respectivas escadarias (daí a origem do AY no nome da República e no nosso grito).

Aberto desse modo o horizonte do futuro, e cheios de coragem, revoltaram-se logo ali da tirania

das “Velhas” e dos gatos (só permitiriam que permanecessem recordados no nome e no emblema). Não cantaram o fado, mas resolveram contar o fado às “Velhas”. E contaram.

Mas depois era preciso arranjar uma outra casa para viverem independentes. E para isso foram um dia, qual alegre bando de pardais, à descoberta de poiso. Tinham aprendido, quando pequeninos, que a “farda” era tudo, e que nela estava depositado todo o saber: fosse General, Guarda-Nocturno ou Porteiro de Sentina Pública. Ora, se realmente era assim, nada mais precisavam que perguntar à primeira “farda” que avistassem.

Desceram a rampa que vai dar aos Arcos do Jardim, e aproveitaram para beber café e uma rodada de aguardente no Pirata, mandando registar as despesas nas contas-correntes. E nessa altura a alguns assaltou o estranho pressentimento de que naquela zona é que estavam bem; tivessem uma simples tenda... Até o ondular das copas das árvores do Jardim Botânico lhes faziam lembrar as ondas do mar, e quase todos eles do mar eram. Estavam, porém, antecipados no tempo. E não puderam gozar por muito tempo essa sensação de bem-estar porque um deles, mais apressado, gritava já um pouco mais adiante: “Venham depressa, Malta, que encontrei uma “farda”. Era a sentinela do Quartel Militar. Correram para ela como se corre

para uma tábua de salvação. Estupefacto com a pergunta, o pobre Rapaz disse em tom de voz imperceptível e com fechado sotaque serrano: “Eu sei lá de casas para arrendar”. E acompanhou as suas palavras com um gesto largo do seu braço direito, confirmativo do que dissera.

Os Precursores não perceberam as palavras da Sentinela, mas, finos que nem alhos, interpretaram aquele gesto como expressivamente indicativo; e, tal como os Reis Magos, seguiram naquela direcção, cheios de Fé. Fé que se justificou plenamente. Só foi preciso andar umas poucas dezenas de metros; encontraram uma casa; perguntaram; e daí até arrendarem o seu primeiro andar foi um ai; e pouco mais de um aí demorou até que a REAL REPÚBLICA MIJA.GATO (têm a palavra os investigadores históricos para, de uma vez para sempre, solucionar o grave de saber se era Gato⁵⁷ ou Gata) se oficializasse e mudasse o nome para AY-Ó-LINDA.

Todavia algo não corria bem. A nostalgia pelos Arcos do Jardim, pela aguardente do Pirata e pelo ondular das folhas das árvores do Jardim Botânico era insuportável. Por isso, ao fim de alguns anos os AYS não resistiram e mudaram para as actuais instalações.

Destas, só para a Lua.

Lugar dos Livros

Título: *Obra Literária. Tomo I e II*

Autor: Jerónimo Cardoso. Tradução e edição crítica do texto latino de Telmo Corujo dos Reis.

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Volumes VII e VIII da colecção “PORTVGALIAE
MONUMENTA NEOLATINA”
Coimbra 2009

O humanista Jerónimo Cardoso, mestre de humanistas e um dos maiores pedagogos do seu tempo, escreveu, em função dessa actividade, notáveis obras de conteúdo linguístico, e figura como o primeiro lexicógrafo português com o seu dicionário de latim-português e de português-latim. Mas foi também um excelente escritor, cuja obra de carácter literário está toda reunida nestes dois volumes e compreende uma abundante colecção de cartas, orações de sapiência e sobretudo uma grande e variada produção de poesia latina.

Título: Estudos do Património. Museus e Educação.

Autor: José Amado Mendes

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2009

A leitura dos textos ora publicados, sob o título *Património: Passado com Futuro. Museus, Educação e Desenvolvimento*, será útil a todos quantos se interessem pela História, pelo Património Cultural, pela Educação e pelo Desenvolvimento na medida em que aborda temas como: a) progressivo alargamento do conceito de património cultural; b) “explosão museológica” quantitativa e qualitativa; c) potencial pedagógico do património e das instituições museológicas; d) nova maneira de encarar os múltiplos valores do património – cultural, pedagógico, identitário, alicerce da memória –, sem olvidar o valor económico.

Título: *Invertebrados de água doce. Chave de identificação das principais famílias*

Autores: Sónia Serra, Nuno Coimbra e Manuel Graça

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2009

Esta obra tem como objectivo ajudar a descobrir alguns dos organismos que povoam os rios, os macroinvertebrados aquáticos. Apresenta-se na forma de um guia de identificação dos principais invertebrados que podem ocorrer nos rios de Portugal. A chave é pictográfica pelo que um pequeno número de características é assinalado em cada passo. Essas características estão indicadas em figuras anexas a cada passo.

Os autores agradecem o incentivo dos alunos de Biologia e Engenharia de Ambiente da Universidade de Coimbra, assim como o apoio da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo e do “CNRS Editions” de Paris, França.

Título: *Teatro. Tomo I. Sedecias*

Autor: Luís da Cruz. Com edição crítica do texto latino de Manuel José de Sousa Barbosa

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Volume V da colecção “PORTVGALIAE
MONUMENTA NEOLATINA”
Coimbra 2009

O autor é um dos mais brilhantes dramaturgos do teatro escolar do século XVI. Esta tragédia foi estreada no pátio do Real Colégio das Artes, perante a corte de D. Sebastião, por ocasião da sua visita a Coimbra em 1570.

É uma das mais representativas de todo o teatro escolar e académico do século XVI português.

Título: Colónia Mártir, Colónia Modelo.

Autor: Sérgio Neto

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração: CEIS20, 2.º volume da colecção História Contemporânea, dirigida por Maria Manuela Tavares Ribeiro
Coimbra 2009

Sem as riquezas “inesgotáveis” de Angola e Moçambique ou a vigorosa produção agrícola das ilhas de S. Tomé e Príncipe, o arquipélago de Cabo Verde ocupou, em todo o caso, um lugar à parte na ideologia ultramarina portuguesa a partir dos anos 30 do século passado. Dir-se-ia que a sua importância não passou tanto pelo valor comercial, mas pela “imagem” de colónia africana mais “civilizada” e até de colónia mais aparentada com a metrópole. Embora já desde o século XIX, o cabo-verdiano gozasse, pelo menos teoricamente, da plena cidadania portuguesa e fosse reconhecido como “assimilado” aos “padrões civilizacionais europeus”, seria preciso esperar pelo desenvolvimento da propaganda estadonovista para que tal facto passasse a ser amplamente publicitado. Assim, aos olhos do regime de Salazar, Cabo Verde foi, sobretudo, um paradigma multirracial e multicultural a brandir contra a crescente vaga anticolonialista e descolonizadora dos anos 50 e 60 do século XX.

Título: Rhetoric and Argumentation in the beginning of the XXIst century

Coordenador: Henrique Jales Ribeiro

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2009

This book is the edition of the Proceedings of the International Colloquium “Rhetoric and Argumentation in the Beginning of the XXIst Century” which was held at the Faculty of Letters of the University of Coimbra, in October 2-4, 2008, and was organized by Henrique Jales Ribeiro, Joaquim Neves Vicente and Rui Alexandre Grácio. The main purpose of the Colloquium was to commemorate the publication in 1958 of the books *La nouvelle rhétorique: Traité*

de l'argumentation, and The Uses of Arguments, by, respectively, C. Perelman/L. Olbrechts-Tyteca, and S. Toulmin. But another important goal was to take stock of the state of rhetoric and argumentation theory at the beginning of a new century. It was a unique event, without parallel in Portugal and worldwide - considering its theme and its aims -, which gathered some of the World's most renowned rhetoric and argumentation theorists: Alan Gross, Douglas Walton, Erik Krabbe, Frans V. Eemeren, F. Snoeck Henkemans, Guy Haarscher, John Anthony Blair, Marianne Doury, Oswald Ducrot, Ruth Amossy.

Título: Youth Sports: participation, readiness and injuries

Coordenadores: Manuel J. Coelho e Silva, António J. Figueiredo, Marije T. Elferink-Gemser, Robert M. Malina

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2009

Participation in sports is a major feature of daily living for children and adolescents in many countries of the world. Structures of organized programs vary within and among countries.

Likewise, sport offerings and values attached to these sports vary with cultural context. Sport is also a primary source of physical activity for many children and adolescents, and is an arena in which personal and inter-personal values and behaviors are developed and nurtured.

Key players in these important functions of sport are peers, coaches and parents. The volume is aimed primarily for students of Physical Education and Sport Sciences, coaches, trainers, parents and others involved in youth sport programs and in the preparation of young athletes. The contents have application to a variety of cultural contexts given the near universality of sport for youth throughout the world. The editors hope that the contributions which comprise this volume will serve to enhance the sport experiences of youth, minimize potential risks, and maximize potential benefits by educating adults who work with them in the context of sport.

Espaço Das Escolas



A reocupação do Colégio da Trindade

J. Mendes Ribeiro

Francisco e Manuel Aires Mateus ocupam actualmente um lugar de destaque inteiramente merecido, no panorama da arquitectura contemporânea nacional e internacional. No quadro de uma investigação coerente e consistente, a sua arquitectura aproxima-se de uma linguagem minimal, onde a tectónica está reduzida, de forma obsessiva, a poucos elementos, para fazer sobressair a modelação dos volumes e das superfícies e, em particular, o espaço como negativo das formas.

A arquitectura de Aires Mateus cuida do essencial, das características intrínsecas que constituem a arquitectura ou, como diria Peter Zumthor, “do invólucro, do material que o distingue, da concavidade do vazio, da luz, (...) da capacidade de absorção e ressonância”. Essencialmente preocupados com o espaço, estes autores exploram a luz e a densidade dos materiais na sua conjugada significação plástica, estética e conceptual no objecto arquitectónico.

O projecto de Aires Mateus para a reconversão do Colégio da Trindade (XVI), em Coimbra, nas instalação do Tribunal Universitário Judicial e Europeu da Universidade de Coimbra integra-se na ideia de *restauro crítico* defendida por Cesare Brandi. Esta teoria, expressa de forma exemplar no restauro do Museu em Gibellina (1981/1987), projectado por Francesco Venezia, refere que a intervenção num edifício histórico deve ser baseada na análise aprofundada do edifício, acompanhada, posteriormente, da sua avaliação crítica. Esta avaliação deve encaminhar o arquitecto no

sentido das opções que prevalecerão na obra, dando, deste modo, resposta a uma solicitação histórica, estética e plástica do monumento. Como defende Cesare Brandi em *Teoria de Restauro*, o trabalho de restauro é em si mesmo obra de arte já que, a par dos aspectos técnicos e históricos, envolve também uma componente criativa. Essa componente criativa é visível no projecto de Aires Mateus para o Colégio da Trindade, bem como no caso da Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro em Pousada (1989/1997), por Eduardo Souto de Moura, pois ambos utilizam a pré-existência como matéria-prima no acto de projectar. No caso específico de Aires Mateus, no projecto do Colégio da Trindade, a intenção é distanciar-se da ideia de restauro tradicional para construir um novo espaço habitado a partir das paredes pré-existentes, reforçando a ideia de espessura e densidade das superfícies. Nesse sentido, na planta do primeiro e do segundo piso, verifica-se o encerramento de vãos e a demolição de paredes pré-existentes, que darão lugar a novos panos parietais. 61

Em sentido oposto à ideia de *anastilose* preconizada no Museu de Gibellina, onde Francesco Venezia desmonta as peças do monumento para a recolocar noutro lugar, mantendo a ordem original, em Coimbra, Aires Mateus desmonta as peças de pedra do monumento, inserindo as escadas entre os novos paramentos, para habitar o “espaço entre” e acomodar o novo programa, reforçando, ao mesmo tempo, a densidade e espessura do próprio edifício colegial. Assim, ao sublinhar as formas perenes e a carga telúrica da preexistência, o



projecto reivindica para si um estatuto de intemporalidade, como sugere Diogo Seixas Lopes no catálogo da exposição *Aires Mateus*, realizada no Centro Cultural de Belém em 2006.

Aires Mateus afasta-se do restauro arqueológico, filiado na corrente romântica seguida por John Ruskin, para se centrar na ideia de ruína habitada utilizada por Francesco Venezia no exemplo acima citado ou por Eduardo Souto de Moura na Pousada do Convento do Bouro. Porém, tal como na Pousada do Bouro, onde a cobertura e as caixilharias são dissimuladas, a presente intervenção introduz o restauro e simultaneamente a revalorização do edifício a partir de uma nova organização interna, baseada num traçado geométrico, ortogonal e na libertação de espaços para responder ao novo programa.

Neste projecto, Aires Mateus faz confluír todas as partes para o todo segundo um alinhamento cuja evidência exprime a força e a clareza do projecto. Cuida da condensação das formas em torno de um objecto unitário através de um processo de eliminação do excesso e, simultaneamente, retêm os traços mais significativos e expressivos da pré-existência, segundo um processo mais de subtração do que de adição.

Referenciando uma vez mais Brandi e a sua teoria, Aires Mateus, ao remover acrescentos e intervenções espúrias que não permitem uma leitura unitária do todo, é obrigado, neste processo de transformação, a redesenhar o espaço, transportando-o para uma dimensão histórica.

Esta reorganização da matéria pré-existente como manifestação radical tem uma autonomia espacial, tornando-se numa espécie de auto-referencial da memória. Contudo, sendo vincadamente autónoma, esta arquitectura possui uma capacidade de se contaminar pelo existente, afirmando assim a sua consolidação.

Por outro lado, Aires Mateus não entende o objecto a recuperar como arquivador de memórias. Pelo contrário, preconiza uma intervenção unitária no Colégio da Trindade que se opõe à acumulação de materiais que documentam uma dada realidade ou facto histórico. Nesse sentido, afasta-se dos princípios

da Carta de Atenas e utiliza indistintamente materiais originais e contemporâneos, sem necessidade de sinalizar as diferenças correspondentes a cada época de intervenção.

Neste processo, persistente e auto-referencial, a percepção do todo não é desviada por detalhes secundários. Os pormenores são fundamentais para a compreensão do todo de cuja natureza fazem essencialmente parte. Cada articulação volumétrica, cada ligação entre espaços, onde se evidencia os espaços de circulação, corredores e escadas, está sujeita à ideia de um todo, que reforça o carácter unitário da intervenção. Motivado por uma procura inexorável de continuidade, Aires Mateus simplifica o método de unir espaços e minimiza a expressão das ligações entre eles, valorizando as superfícies de revestimento contínuas em detrimento dos elementos estruturais, frequentemente, ocultos. É nos pisos superiores e na cobertura que a sua proposta introduz alterações mais significativas. Entre as fachadas pré-existentes, propõe-se a construção integral de novos volumes, repondo a geometria dos telhados. Estes volumes apoiam-se pontualmente nas molduras dos vãos exteriores existentes, evitando o contacto com as paredes e com o pavimento térreo.

Como nas casas de Alenquer (1999/2001) e de Brejos de Azeitão (2000/2003), os compartimentos interiores, autonomizam-se em relação às paredes antigas e funcionam como espaços dentro de espaços, estabelecendo uma separação com o passado e a sua matéria. Esta tensão entre os corpos suspensos e a solidez e a gravidade dos materiais pré-existentes constitui a ideia chave destes trabalhos. Os volumes suspensos e abstractos desafiam a gravidade transformando de forma radical a ideia de perenidade do Colégio da Trindade, expressando de forma inequívoca dois tempos de construção.

No segundo piso assiste-se a uma reconfiguração do espaço pré-existente, para construir interstícios e neles escavar circulações e vazios onde a luz corre a partir da cobertura. É neste piso que melhor se verifica a tensão



entre as fachadas pré-existentes e a nova compartimentação interna. Daqui resulta um espaço intersticial que se molda mediante a tensão entre as fachadas adjacentes, segundo um processo que Delfim Sardo designa como *processo de negatividade*. Este é um dos temas particulares de investigação de Aires Mateus e está expresso de forma particular neste projecto. A ideia de espaços negativos que se cruzam e correm todo o edifício, dá origem aos vazios que, a partir da cobertura, proporcionam uma luz difusa nos

espaços. O desenho da cobertura em pedra reforça a composição que se propõe abstracta, monocromática e privada de referências comuns.

Numa alusão ao trabalho “Grande Cretto” (1980) de Alberto Burri - uma espécie de memorial, construído em cimento branco que consiste numa reinterpretação da antiga Gibellina, na Sicília, destruída por um terramoto em 1964 - a cobertura do edifício do Colégio da Trindade assemelha-se a uma paisagem esculpida, feita de corredores/valas estreitas que se



cruzam coincidindo com os cortes entre volumes, através dos quais é feita a iluminação do espaço interno.

Neste projecto, como noutras obras de Aires Mateus, a experimentação em torno de materialidades puras, reforça o seu carácter abstracto, permitindo diferentes leituras. A indefinição das formas deixa à percepção do observador a possibilidade de gerar várias significações. Absoluta economia de meios e eficácia na leitura

dos espaços a partir da máxima intensidade na experiência perceptiva. É como se todos os aspectos do trabalho de Aires Mateus fossem conduzidos para uma questão mais radical acerca da natureza da experiência do espaço, e consequentemente da sua percepção a partir do corpo em movimento.

É esta redução extrema de materiais e formas que permite ler o projecto para o Colégio da Trindade com a clareza máxima.



Temas

A Universidade no Verão

Turistas da História, do saber e do sol

Ana França

No Verão do Interior, o fim de tarde é o melhor dos lugares. Ao cimo das escadas de Minerva, o Pátio das Escolas ocupa o contraste que o sol ainda permite. Há sombra desde a Joanina até depois do meio do pátio, mas a luz ajuda ainda a leitura dos recém-implantados cartazes explicativos da Revolução. Primeiro a dos estudantes, em 1969, depois a de 1974. Jaime Galheiro, dramaturgo e advogado português aqui licenciado, tem uma teoria enternecedora e real e não é comum que andem a par estes dois qualificativos. Diz ele que foram os estudantes, compulsivamente enviados para a Guerra Colonial depois dos desacatos de 17 de Abril, os responsáveis pelo inquinamento frutuoso das mentes meias torpes do nosso contingente militar - homens que voltaram e vieram depois dar às ruas tons de cravos, como se sabe.

Nesses cartazes não se lê a teoria mas a História como foi: o que esta cidade, incubadora de insubmissos, representou no grande plano do processo revolucionário. E em outros processos, feitos da mesma fibra, que aqui se desenrolaram em séculos anteriores – os estrategas da 1ª República, os cérebros do Realismo – tudo revoluções, e, como é o caso, por vezes ao mesmo tempo, aqui embriões acarinhados.

Quando entram pela Porta Férrea primeiro abrem-se-lhes muito os olhos, e os movimentos assumem várias emoções, todas de espanto: duas espanholas protegem a testa com a mão em concha para ver em todo o arco, e os dois filhos levam mesmo a mão à boca e logo sai um “Uau!...” mais sereno do que os “Uaus” de uma Eurodisney, suponho. É um espanto genuíno, iniludível, ainda que momentâneo, já que logo se esquecem do manuelino e correm para a estátua de D. João III com ânsias de roubar a boina ao monarca.

Mónica, uma mulher jovem que viaja com o namorado, olha para os mesmos miúdos. Diz-me: “As universidades do País Basco são edifícios”. E sorri. Estes que vê, para ela não são edifícios, “são monumentos que - explica-me - costumam ser museus ou igrejas e não um serviço, um sítio onde se dá aulas e por onde se caminha todos os dias”.

A percepção repercute-se em outros turistas. Também espanhóis. São dois jovens estudantes em Salamanca. Vieram por influência dos amigos portugueses que lá estudam no âmbito do Programa Erasmus. “Difere de Salamanca na tradição, que aqui é mais forte, mas Salamanca também é assim, tudo antigo, lindíssimo”, comenta Manuel. Vieram visitar apenas Coimbra - uma semana - porque têm sítio onde ficar. Nisto fogem às estatísticas. Um estudo publicado pelo Turismo de Coimbra, realizado a cerca de 1800 turistas que, em 2007, visitaram a cidade, refere que a maioria das pessoas que se desloca a Coimbra integra a visita num percurso de vários dias ao nosso país e raramente permanece na cidade mais de dois dias. Encontram-se com os números no que diz respeito à nacionalidade – um quarto dos turistas são espanhóis.

Três raparigas e dois rapazes debruçam-se lá em baixo nas grades sólidas do fim do pátio. Mais perto reparo que nas suas roupas, cosmopolitas, ousadas, estão duas épocas históricas e três designers famosos, contra-



feitos, em harmonia. Emília, polaca, viaja com os seus colegas recém formados em arquitectura. Escolheram um roteiro específico que, explica, “incluiu as catedrais góticas de Milão e de Colónia, e... Coimbra”. Não pela magnitude dos edifícios mas pela antiguidade da Universidade, da Sé, da cidade em si: “É a atmosfera”. São turistas da História, do saber, do sol que aquece este fim de tarde. Das memórias mais antigas.

Volto às escadas e eles olham para a entrada da Biblioteca Joanina, que parece sempre fechada. Digo que está aberta, que têm de comprar bilhete. Decido entrar mais uma vez, já que não pago bilhete por ser estudante. É sempre inarticulável o sentimento. Quase cruel de tão intraduzível como, de resto, tudo o que é realmente belo. O Sr. Jorge, funcionário da Biblioteca, abre uma excepção ao “contar a História”, algo que ele odeia fazer. “Não me pagam para ser guia”, resmunga. Nuns referenciais muito difusos lá aponta a madeira banhada a ouro do Brasil, os motivos chineses pintados à mão, “todos diferentes”, o quadro de João V, o Magnânimo, ao fundo como figura religiosa sobre um altar.

Sei que é proibido, mas a tentação é mais forte. Apanho-o distraído e pego num livro. Um herbário alemão. Uma coisa pesadíssima, as folhas de papel bege, denso, poroso. Umhas cores vivas de flores dissecadas, um preto de tinta muito preta, umas setas a sair das várias partes das plantas e as letras retorcidas, enormes, cerimoniais a indicar o nome de cada uma das flores. Capas em pele de cabra, enceradas, a forrar a madeira e dois ferrolhos laços e oxidados, que costumavam fechar as grandes obras. Outro igual só na Alemanha. E só um. Quando saio, com redobradas recomendações para mandar vir mais colegas, ainda os turistas polacos estão perdidos ao pé da Torre da Universidade. Já não vão a tempo de ver hoje a Biblioteca. Para três quartos do pátio acabou mais um dia. Três turistas - os últimos - ainda estão a meio da leitura dos tais cartazes históricos. Espero que cheguem ao fim e pergunto a Paula, uma alemã de meia-idade, o que pensa daquelas passagens. Responde numa frase conclusa, que me faz pensar por ser tão pouco o que eu estava à espera: “É uma democracia jovem, imagino que eles ainda estejam vivos”.

O sol é agora apenas um conjunto de farrapos misericordiosos e intermitentes sobre os edifícios que há muito se passaram para o lado da sombra indómita.

A Academia prossegue dentro de momentos

François Fernandes

Estamos em finais de Julho e o Verão impõe a sua presença como um general demasiado autoritário. Coimbra vê-se obrigada a trocar as capas negras por algo mais adequado - o calor não perdoa e a tradição regressa ao armário por uns tempos. Chegou a altura de os estudantes voltarem a casa e há um edifício em particular que vai sentir a sua falta. Foi inaugurado em 1961 e situa-se no extremo Este da Rua Padre António Vieira. Na fachada pode ler-se Associação Académica de Coimbra (AAC), mas quem estuda na cidade conhece-a simplesmente por “Associação”.

Os passos ressoam pelos corredores, com aquela amplitude rasgada e desoladora, característica dos locais que não estão habituados a estar vazios. É difícil imaginar que há pouco mais de um mês este mesmo sítio estava cheio de vida – tanto pelos estudantes que o escolhiam para a inevitável preparação para os exames, como por todos aqueles que procuravam alimentar as respectivas vidas sociais, culturais, estudantis. As vidas académicas que esta casa encerra há já tantos anos. Subimos ao segundo andar para nos encontrarmos com o presidente Jorge Serrote. Antes de cruzarmos as portas envidraçadas da Direcção Geral temos tempo para reparar na insólita quietude que emana do corredor da habitualmente agitada Rádio Universidade de Coimbra (RUC).

“Os estudantes foram de férias e a Academia fica necessariamente mais vazia. Tudo se ressentiu, incluindo as secções”, explica Jorge Serrote. “No entanto o edifício da Associação Académica nunca pára. Os funcionários estão cá e, apesar de aparentemente tudo estar mais calmo, continuamos com muito trabalho. Eu pessoalmente só vou ter duas semanas de férias”, revela o presidente da DG/AAC.

Ao fundo da sala, uma ventoinha intrometida zumbe incessantemente como se nos quisesse recordar o calor que faz fora de portas. Agora já não se ouvem os acordes das guitarras, nem o burburinho característico do edifício que é por muitos considerado o coração da vida estudantil coimbrã. As portas verdes que flanqueiam os corredores e que servem as diversas secções estão fechadas.

“Nesta altura, a Academia é sobretudo procurada por estudantes com dúvidas sobre a sua vida académica. Pessoas em risco de prescrever ou com dúvidas nos prazos das inscrições. Nós temos que estar aqui para os ajudar”, afirma o dirigente associativo. “Em relação às secções, tudo está mais parado. No mês passado tivemos algumas iniciativas relacionadas com os métodos de estudos. Neste momento as secções desportivas estão a disputar os campeonatos europeus – e têm obtido excelentes resultados – e nós aqui também temos o dever de fazer o acompanhamento”.

Lá fora, no jardim, o panorama é menos desolador mas mesmo assim estamos longe dos tempos em que se tinha de esperar para conseguir um lugar sentado na nova esplanada da AAC. Neste momento, apenas duas mesas estão ocupadas. Cruzamos o jardim em direcção à saída e a cada passo a sensação de *stand-by* torna-se mais intensa e o silêncio mais artificial. Felizmente em Setembro tudo voltará à normalidade.

O americano que descobriu Portugal nas pessoas

João Ribeiro

Manuel Brass sempre sentiu em si algo de diferente. “Tinha a consciência, mesmo em criança, de que era português”, afirma sem deixar transparecer qualquer dúvida. Nunca foi o “yankee” típico; o fado sempre falou mais alto. Foi este sentimento que o levou em jovem a inscrever-se no curso de Verão para estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1956. As casas brancas da capital e o Rio Tejo vistos do avião impressionaram-no logo no primeiro momento, mas foi em Coimbra que Manuel Brass se apaixonou por Portugal. Logo na primeira manhã, o então futuro advogado conta que foi a um café onde conheceu alguns estudantes de Medicina que o convidaram a ficar em sua casa, de onde já não sairia. A memória não o trai: “Couraça dos Apóstolos, número 45! Ainda hoje passamos por lá todos os dias”. O convívio com a “malta” e as “coboçadas” - palavras que faz questão de dizer em português - marcaram-no. Recorda com um sorriso na cara os abraços e as grandes despedidas de um rapaz quando ia a casa ao fim-de-semana e estava de volta na segunda-feira. Havia uma “escola na rua” que o ensinou coisas sobre Portugal e sobre os portugueses que, de outra forma, nunca poderia ter aprendido.

Há que remontar aos finais do século XIX para explicar a proximidade de Manuel Brass a Portugal. O avô paterno veio da ilha das Flores, nos Açores, para a Califórnia numa altura de grande emigração para a costa Oeste americana. Manuel teve sempre contacto com esta realidade, mas o seu domínio da língua era aquilo a que chama de “kitchen portuguese” - o português de cozinha. A aventura em Coimbra foi a melhor forma de colmatar essa falha pois como lhe disseram na altura, “é lá que se fala o melhor português e é lá que está a ‘alma portuguesa’”.

Terminado o curso, Manuel nunca mais se afastou da sua segunda pátria e, mesmo não vindo a Portugal tantas vezes como gostaria, continuou atento às “coisas portuguesas”. É um grande impulsionador de actividades da comunidade lusa na costa Oeste dos EUA. Uma delas está inclusive baseada na sua passagem pela Universidade de Coimbra nos anos 50. As associações de emigrantes portugueses souberam da sua história e contactaram-no para ser membro de um júri que selecciona luso-descendentes para estudarem em Portugal. Mas a estória não fica por aqui. Ao longo dos anos, Manuel Brass viu Eusébio jogar, ouviu Amália cantar o fado e conheceu Spínola. As mudanças do país não lhe passaram despercebidas e a sua opinião sobre a política não deixa de ser interessante. “Gosto da política portuguesa, sei que é fácil para mim dizê-lo porque sou de fora, mas nos EUA temos dois partidos e por vezes não é claro o que é que eles de facto são”. E explica: “aqui os socialistas são socialistas porque há um partido socialista”, acrescentando que os debates são “abertos e inteligentes”.

Mais de meio século depois, Manuel Brass, com 78 anos, está de volta aos bancos da Faculdade de Letras, só que desta vez acompanhado. A sua esposa, Sharlyne Palacio, não partilha de uma relação tão profunda com Portugal, mas a simpatia das pessoas já a conquistou. Apesar de achar o português uma língua muito difícil e de afirmar que levará “um ano a fazer os trabalhos de casa”, o curso também a agrada. Estar na escola permite-lhes “mergulhar na vida das pessoas e até fazer parte da comunidade”. De outra forma, como poderia Sharlyne saber que Saviola tinha vindo para o Benfica?

No final da entrevista, a esposa pede desculpa pelo marido falar tempo demais. O companheiro não se atrapalha: “isso só prova o quão português sou”, desculpa-se Manuel Brass com um sorriso sincero.



Uma ponte para o mundo universitário

Andreia Silva

São ainda estudantes do ensino secundário mas já sabem muito bem o que querem. Perspectivam um futuro na área que gostam. E por isso mesmo escolheram o projecto da Universidade de Verão, promovido pela Universidade de Coimbra (UC), para verem como é o mundo académico.

“Desde os seis anos que quero ser Egiptóloga e para mim é um sonho poder estudar nesta universidade”. O sorriso de Ana Miguel, de 17 anos, mostra bem a certeza do seu desejo e de tudo o que está disposta a fazer para alcançá-lo. Tomou conhecimento do projecto através da internet. “Como adoro a UC passo a vida a visitar o site, e assim que tomei conhecimento da iniciativa resolvi inscrever-me”. No segundo dia de actividades, a aluna garante estar a adorar a experiência.

Tal como Ana Miguel, muitos alunos que ainda não terminaram o ensino secundário escolheram a Universidade de Verão não só para ocuparem as suas férias, mas também para conhecerem a realidade daquilo que um dia querem seguir. O programa consiste em actividades lectivas, realizadas durante a manhã e orientadas por professores; e também em actividades lúdicas que decorrem durante as tardes. Ana Catarina, monitora, explica que essa junção “permite aos alunos começarem a formar algumas convicções e também dar-lhes uma ideia de como é o ambiente da universidade”, explica.

Sentados no estúdio de televisão do Instituto de Estudos Jornalísticos da Faculdade de Letras da UC (FLUC), os alunos escutam atentamente o professor José Manuel Portugal, que administra a cadeira de Princípios e Práticas do Jornalismo Televisivo. Mas não são meros espectadores ali presentes. Colocam questões, falam do estado do jornalismo no país, das práticas publicitárias, dos pivots, do conteúdo das notícias. Experimentam um primeiro contacto com as câmaras e com o teleponto. Alguns querem saber se o mito da televisão tornar as pessoas mais gordinhas é verdade, outros dizem que não gostam de se ver no pequeno ecrã.

Já Ana Morais sente-se como peixe na água. Pretende seguir jornalismo e trabalhar na televisão é o seu sonho. “Uma professora já nos tinha dito que ia haver este projecto, e quando vi o programa, principalmente o do dia de hoje, fiquei encantada”, revela a futura jornalista. Mesmo para quem já tem outros planos, o dia dedicado ao jornalismo revelou ser muito positivo. Renata Cambra, de 18 anos, revela que foi “muito melhor do que aquilo que estava à espera”. Terminou o décimo segundo ano e colocou como única opção o curso de Estudos Clássicos, na FLUC. As dificuldades de emprego não demovem a jovem de seguir aquilo que quer. “Vi o plano curricular e todas as disciplinas me interessam. Sei que é arriscado, mas é mesmo aquilo que quero fazer”.

Sendo este o primeiro ano da Universidade de Verão enquanto projecto aberto a todas as faculdades, a iniciativa é encarada como uma boa oportunidade para estabelecer uma ligação entre o ensino superior e o ensino secundário. Ana Miguel confessa sentir-se “mais preparada” para entrar no curso que pretende. “Não

fazia a mínima ideia como era esta universidade, e tinha uma ideia do professor universitário velho e mal disposto. Mas os que temos tido até agora são simpáticos e muito acessíveis”, confessa a futura egiptóloga. Ana Moraes fala de diferenças ao nível do ensino. “Enquanto no secundário os professores nos facilitam a vida ao nível dos trabalhos e apontamentos, aqui somos nós que trabalhamos e pesquisamos; até nisso acho que estas actividades nos preparam muito bem”.

Saídos da sessão de televisão, os alunos seguem para o próximo desafio: Criar um jornal online, sob orientação da professora Clara Almeida Santos. Juntos, entram na sala multimédia sorridentes e expectantes. Mesmo aqueles que não querem ser jornalistas.





Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Rede UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Gabinete de Comunicação e Identidade
Universidade de Coimbra
Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
antigos-estudantes@uc.pt

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlm: +351 96 44 53 222

**REDE
UC**
REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

www.coimbraeditora.pt



LIVRARIA FERREIRA BORGES
Rua Ferreira Borges, 77
Coimbra

LIVRARIA AAC - COIMBRA
Rua Padre António Vieira
Edifício AAC
Coimbra

LIVRARIA CHIADO - LISBOA
Rua Nova do Almada, 90
Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA - LISBOA
Centro Comercial Arco-Iris
Av. Ilídio Diniz, 6 A
Lisboa

LIVRARIA FDL - LISBOA
Faculdade de Direito da
Universidade de Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA DO PORTO
Rua Cândido dos Reis, 81
Porto

LIVRARIA FDP - PORTO
Faculdade de Direito da Universidade do Porto



AB VNO AD OMNES

Coimbra Editora



De Especialistas para Especialistas

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC www.uc.pt/antigos-estudantes, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em www.uc.pt/gats



prémio

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PATROCÍNIO DO BANCO SANTANDER-TOTTA
APOIO DO JORNAL DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 2009



DESTINATÁRIO DO PRÉMIO > PERSONALIDADE DE NACIONALIDADE PORTUGUESA QUE SE TENHA DISTINGUIDO
POR UMA INTERVENÇÃO PARTICULARMENTE RELEVANTE E INOVADORA NAS ÁREAS DA CULTURA OU DA CIÊNCIA
VALOR DO PRÉMIO > 25 000 EUROS
APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATURAS > ATÉ 20 DE NOVEMBRO DE 2009
MAIS INFORMAÇÕES > www.uc-pd/cultural/premiouc



 Santander Totta

 Jornal de Notícias